

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**



**A BUSCA DE UM ENFOQUE PSICO-FILOSÓFICO E  
SOCIAL NO ENSINO DE ARQUITETURA E  
URBANISMO**

**FERNANDA VILLEFORT PARREIRAS**

**FLORIANÓPOLIS - SC**

**2002**

**A BUSCA DE UM ENFOQUE PSICO-FILOSÓFICO E  
SOCIAL NO ENSINO DE ARQUITETURA E  
URBANISMO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

**A BUSCA DE UM ENFOQUE PSICO-FILOSÓFICO E  
SOCIAL NO ENSINO DE ARQUITETURA E  
URBANISMO**

**FERNANDA VILLEGORT PARREIRAS**

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Engenharia de Produção.

**FLORIANÓPOLIS - SC**

**2002**

**Fernanda Villefort Parreiras**

**A BUSCA DE UM ENFOQUE PSICO-FILOSÓFICO E SOCIAL NO ENSINO DE  
ARQUITETURA E URBANISMO**

Esta dissertação foi julgada adequada e aprovada para obtenção do título de **Mestre em Engenharia de Produção** no **Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.**

**Florianópolis, 04 de dezembro de 2002.**

***Edson Pacheco Paladini, Dr.***

Coordenador do curso

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Alice Teresinha Cybis Pereira, Ph.D.

Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Maria Lúcia Malard, Ph. D.

---

Prof<sup>a</sup>. Maristela Moraes de Almeida, Dra.

*Ao meu marido Alexandre e meus pais  
Luis Fernando e Marta, pelo amor, incentivo e  
apoio sempre.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores do PPGEF, peças fundamentais para a realização deste trabalho.

Às UNIVERSIDADES DE MINAS GERAIS pelo atendimento e informações oferecidas.

Aos PROFESSORES das Universidades pesquisadas que participaram e contribuíram enormemente para a pesquisa de avaliação.

À minha orientadora ALICE PEREIRA, que com as revisões, discussões e sugestões incentivou o desenvolvimento do trabalho.

À companheira de mestrado e profissão PAULA GONÇALVES REIS pela amizade, incentivo e contribuição significativa ao trabalho.

Ao ALEXANDRE, pelo companheirismo e compreensão em todas as vezes que estive ausente.

Aos meus PAIS, pelo incentivo e força desde o primeiro momento até a reta final.

Aos queridos MARCELO, LÍGIA, PAULO, CAROLINA E SANDRA, que de uma maneira ou de outra contribuíram para que este trabalho fosse possível.

*“A aspereza de nosso mundo real não é abrandada quando enfeitamos, segundo a moda, com um new look, e tampouco tem sentido pretender humanizar a nossa civilização mecânica pendurando enfeites sentimentais em nossas casas. Mas quanto mais importância tiver o fator humano em nosso trabalho, tanto mais há de revelar à arquitetura a intensidade de sentimento de seus criadores, e isto na sua estrutura mesma e não no ornamento externo, um resultado que surge tão somente quando o arquiteto é ao mesmo tempo servo e líder” (Walter Gropius, 1995)*

## RESUMO

PARREIRAS, Fernanda Villefort. **A busca de um enfoque psico-filosófico e social no ensino de Arquitetura e Urbanismo**. 2002. 105 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)-Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

O tema desta dissertação se dá pela investigação da abordagem humana interpessoal cliente/ usuário/ arquiteto existente no ensino de Arquitetura e Urbanismo. Os objetivos apontam na direção de demonstrar a importância de uma visão psico-filosófica e social na formação do arquiteto-urbanista. A partir das necessidades espaciais humanas e características existenciais do espaço, foram demonstradas as dimensões fenomenológicas e comportamentais que envolvem este processo. Baseando-se neste ponto e buscando subsídios na psicologia, tem-se a exploração do desejo como elemento norteador do produto arquitetônico e demonstrada sua importância no contexto educacional dentro dos cursos de Arquitetura e Urbanismo. A amostragem foi realizada nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais através de uma seleção disciplinar baseada nas ementas de cada instituição e posterior questionamento junto a cada professor responsável. O resultado concluiu a deficiência existente neste tipo de abordagem e também a inexistência de conteúdos baseados na psicologia para interpretação e modelagem do desejo. A pesquisa demonstra desta forma a necessidade de inserção de uma visão psico-filosófica e social como suporte teórico na concepção do projeto arquitetônico, visto que ao egressar a universidade o aluno se depara com o cliente / usuário e seus desejos à espera de uma interpretação para posterior concretização em forma arquitetônica.

**Palavras chave:** formação arquitetônica, necessidades existenciais, desejo.

## ABSTRACT

PARREIRAS, Fernanda Villefort. **A busca de um enfoque psico-filosófico e social no ensino de Arquitetura e Urbanismo.** 2002. 105 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)-Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

PARREIRAS, Fernanda Villefort. **Searching for a psycho-philosophic and social approach in the Architecture and Urbanism courses.** 2002. 109 f. Dissertation (Production Engineering Masters) - Post-graduation Program in Production Engineering, UFSC, Florianópolis.

This dissertation subject consists in investigating the current attention given to the study of client/user/architect as human interpersonal approach in the schools of Architecture and Urbanism. The objective points in the direction of demonstrating the importance of a psycho-philosophical and social vision in the formation of the architect and town planner. Starting from the human needs for space with certain existential characteristics, this work goes through the behavioral e phenomenological dimensions involved in this process. Based on this fact and looking for support in psychology, desire as a guiding element in the architectural process has been explored and its importance in the educational process of Architects and Urbanists demonstrated. The sample was taken in the Architecture and Urbanism Schools in the state of Minas Gerais by means of a disciplinary selection based on the contents of each institute and later discussed with each responsible professor. An existing deficiency for this type of approach and also the non-existent of psychology-based contents for desire interpretation and modeling was found. In this way, the research showed the need for a psychological-philosophical and social vision insertion as a support for the conception of the architectural project. The student will be confronted, at leaving university, with clients/users and their desires waiting to be interpreted for an afterwards realization within an architectural shape.

**Key words:** architectural studies, existential needs, desire.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	viii
<b>Abstract</b> .....	ix
<b>1 - INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1.1. Identificação do Problema e Justificativa</b> .....	13
<b>1.2. Problema da Pesquisa</b> .....	20
<b>1.3. Hipóteses da Pesquisa</b> .....	22
1.3.1 Hipótese Geral .....	22
1.3.2 Hipóteses de Trabalho .....	23
<b>1.4. Objetivos</b> .....	23
1.4.1 Objetivo Geral .....	24
1.4.2 Objetivos Específicos .....	24
<b>1.5. Metodologia</b> .....	24
<b>1.6. Estrutura da Dissertação</b> .....	25
<b>2 - A RELAÇÃO HUMANA E AS NECESSIDADES EXISTENCIAIS</b> .....	27
<b>2.1. Fenomenologia e Arquitetura</b> .....	28
<b>2.2. Habitabilidade</b> .....	31
<b>2.3. Interações Existentes no Processo de Habitar</b> .....	34
2.3.1 Dimensões Fenomenológicas .....	35
2.3.1.1 Interior / Exterior .....	35
2.3.1.2 Visibilidade .....	36
2.3.1.3 Apropriação .....	37

2.3.2 Dimensões Comportamentais .....	38
2.3.2.1 Territorialidade .....	38
2.3.2.2 Privacidade .....	39
2.3.2.3 Identidade .....	40
2.3.2.4 Ambiência .....	41
<b>2.4. Conflitos X Concepção Arquitetural .....</b>	<b>41</b>
<b>3- PSICOLOGIA E DESEJO .....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 Dialética do Desejo .....</b>	<b>46</b>
3.1.1 Memória e Consciência .....	47
3.1.2 Razão e Imaginação .....	49
3.1.3 Significado e Representação .....	51
<b>3.2. Desejo e Arquitetura .....</b>	<b>53</b>
3.2.1 Exercício Profissional: a relação cliente / usuário / arquiteto .....	54
3.2.2 Abordagem Interpretativa: Modelagem do Desejo .....	58
<b>4- A EDUCAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO .....</b>	<b>64</b>
<b>4.1. Psicologia e Filosofia na formação do arquiteto .....</b>	<b>64</b>
<b>4.2. O Ensino da Arquitetura dentro das Universidades .....</b>	<b>67</b>
<b>4.3. Universidades de Minas Gerais .....</b>	<b>71</b>
4.3.1 Faculdades Metodistas Izabella Hendrix / FAMIH .....	71
4.3.2 Faculdades de Engenharia e Arquitetura da FUMEC .....	72
4.3.3 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / PUC-MG .....	73
4.3.4 Universidade de Uberaba / UNIUBE .....	74

4.3.5 Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF .....	75
4.3.6 Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG .....	75
4.3.7 Universidade Federal de Uberlândia / UFU .....	76
4.3.8 Universidade Federal de Viçosa / UFV .....	76
4.3.9 Centro Universitário do Triângulo / UNIT .....	77
<b>4.4. Análise do Quadro Existente .....</b>	<b>77</b>
4.4.1 Metodologia da Pesquisa de Campo .....	77
4.4.1.1 Natureza da pesquisa .....	77
4.4.1.2 Amostragem .....	78
4.4.1.3 Coleta de dados .....	78
4.4.1.4 Organização do questionário .....	78
4.4.2 Resultados da Pesquisa de Campo .....	78
<b>5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>92</b>
<b>5.1. Sugestões para Futuras Pesquisas .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>99</b>
<b>LISTA DE ANEXOS .....</b>	<b>105</b>

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Identificação do problema e justificativa

Boa parte das inúmeras tendências que compõem o quadro da arquitetura contemporânea e referenciam o ensino da arquitetura hoje padecem de profundidade e crítica, alheios à relação existente entre o homem e o meio.

Observando e analisando as Escolas de Arquitetura e Urbanismo e seus preceitos, é possível perceber a grande ênfase dada às disciplinas técnicas e práticas, na preocupação em responder à complexidade do mundo moderno e sua grande velocidade de transformação atual.

Porém, para os arquitetos é muito importante ter uma boa formação em disciplinas da área de ciências humanas, enfocando a psicologia, a filosofia, a teoria das relações, a história do homem, o entendimento de seus desejos, enfim, uma série de elementos que possibilitam entender melhor o usuário e analisar o projeto de forma crítica.

De acordo com os objetivos e princípios para educação de arquitetos e tendo como base as Escolas de Arquitetura e Urbanismo tradicionais, pode-se perceber a necessidade de implantação de um projeto novo que vise solucionar este vazio existente no ensino de Arquitetura a partir de uma proposta de inserção de uma visão psico-filosófica e social como suporte teórico na concepção do projeto arquitetônico.

Segundo a arquiteta Maria Lúcia Malard (1992) e confirmado por Maristela Almeida em sua dissertação de Mestrado (1995) em que aborda a análise das interações entre o homem e o ambiente:

“Se o objetivo for levantar os desvios entre as necessidades e valores dos usuários e os elementos arquitetônicos ausentes ou mal providos importam todos os dados relacionados. Os contextos cultural, social, político, econômico, organizacional, histórico, tecnológico, ecológico, etc., não podem ser tomados senão em conjunto, pois todos eles atuam sobre os usuários continuamente. Também o usuário precisa ser tomado em sua totalidade como ser, pois suas esferas psíquica e emocional são inseparáveis e igualmente importantes no equacionamento do bem-estar”. (Almeida, 1995, p.13)

Desta forma, visa-se demonstrar a importância da inserção de uma abordagem psicofilosófica e social no ensino da Arquitetura. Esta se justifica de maneira clara e objetiva, devido à necessidade de entendimento e contato do aluno com o outro, em relação a seus medos, seus desejos, sua história. Eliminando a possibilidade de simplesmente dar soluções prontas, a proposta se embasa na descoberta da origem dos problemas, das necessidades e do desejo existente dentro de cada cliente / usuário.

Algumas destas considerações se encontram analisadas e tratadas nos fundamentos de um método desenvolvido por Malard em sua tese de Doutorado (1992). Ela se baseou na teoria dos conflitos gerados e observados nas interações entre usuário e ambiente. Estes conflitos revelaram – através de leituras espaciais – fenômenos existenciais, e foram relacionados a elementos arquitetônicos, de forma que se possa compreender a relação entre eles.

A maneira de agir do indivíduo em um determinado ambiente depende de fatores pessoais, características do ambiente e também da representação mental que se faz do

local. Essa representação dos ambientes é influenciada por características pessoais como bagagem cultural, ideologia política, personalidade ou humor do momento, fazendo com que haja uma “distorção” maior ou menor do “mundo objetivo”, do espaço arquitetural com seus limites físicos e psicológicos.

As informações do ambiente são reorganizadas, seja ao percebê-las, codificá-las na memória e/ou resgatá-las para algum uso. Essas representações mentais influenciam a maneira de pensar, sentir e agir, e podem ser formadas a partir da experiência direta nos ambientes.

É importante salientar, portanto, a preocupação com o desenvolvimento teórico e metodológico das disciplinas que atuam no complexo campo das relações humano-ambientais, dando especial atenção aos esforços multi e interdisciplinares presentes no campo pedagógico.

Apesar de se reconhecer as muitas dificuldades institucionais para integração teórica e prática, torna-se essencial conhecer, integrar e divulgar a abordagem de outros setores que estudam a participação dos seres humanos na determinação, individual e coletiva, da qualidade de vida relativa aos ambientes.

Para Vygotsky (1996), o conhecimento não vem apenas dos objetos e nem de uma programação inata do sujeito, mas é resultado tanto da relação recíproca do sujeito com seu meio, quanto das articulações e desarticulações do sujeito com seu objeto.

Dessas interações surgem construções cognitivas sucessivas, capazes de produzir novas estruturas em um processo contínuo e incessante, sendo aprendizagem o

processo pelo qual o indivíduo adquire conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas.

Vygotsky enfatiza, em sua obra, a importância dos processos de aprendizagem. Para ele, o conceito de ensino-aprendizagem tem um significado mais abrangente, sempre envolvendo integração social.

Pode-se perceber, através de pesquisas na área pedagógica, como a educação vem incorporando as mudanças sociais, de maneira que educar passa a ser estar mais atento às possibilidades do que aos limites. Torna-se importante estimular o desejo de aprender, de ampliar as formas de perceber, de sentir, de compreender e de comunicar-se.

O processo de aprendizagem numa situação de ensino, passa pela associação da componente material presente no desenrolar da atividade – objeto – e a componente esquemática presente individualmente em cada aluno, a partir de seu conhecimento prévio, suas experiências e conseqüente significação que se faz.

A realidade individual de cada um ou de cada grupo se liga a um território, a um lugar, a uma história e a uma memória. A significação que se faz leva-se a concluir que a adoção de significados tem como base um processo relacional e globalizador, envolvendo também o afeto e a emoção, o ego e a sociedade, o ser e a cultura.

Pode-se dizer portanto que a introdução do aspecto psicológico, filosófico e social no ensino de Arquitetura e Urbanismo, é fundamental na aquisição de habilidades cognitivas e conseqüente rompimento de paradigmas na educação. É no modo como as informações, a tecnologia e a comunicação são dispostas e expostas que ocorrem

as mudanças e, mudar, faz-se necessário se quisermos novos e positivos meios de aprendizagem.

De acordo com o arquiteto japonês Kisho Kurokawa (2001): “ (...) a arquitetura atual se faz pelo diálogo entre identidades locais, tendências globais e história”. Perguntado pela revista Projeto e Design de que maneira ele trabalhava um novo projeto, ele respondeu:

“Primeiro procuro ouvir o cliente, a etapa mais importante. Gasto a maior parte do meu tempo de trabalho conversando com ele, tomando notas e procurando entender de que ele necessita, qual sua cultura arquitetônica, que imagens deseja encontrar no projeto”. ( Kurokawa, 2001 )

A partir desta observação pode-se salientar a importância da relação humana no exercício do fazer arquitetônico, pois o aluno precisa possuir uma visão global e específica, entender os aspectos cognitivos do conhecimento e, mais ainda, saber como lidar com o outro, conseguir sentir seus anseios e sonhos.

Isto não é fácil, principalmente quando o aluno se forma sem este embasamento psico-filosófico / crítico e se depara com a necessidade de solucionar o “problema” do outro, não apenas projetando, mas transportando toda a identidade do cliente / usuário para a obra, materializando seu desejo sem deixar de lado a conceitualização de sua arquitetura, o planejamento ideal e elementos técnicos.

A estrutura deste processo se faz e refaz várias vezes, num ir e vir necessário para o amadurecimento da idéia e posterior postura crítica em relação ao seu próprio projeto. O objetivo da inserção psico-filosófica no ensino é transformar o sujeito receptor de

informação em sujeito produtor / consumidor / modelador de informação. Não basta apenas ele consumir as informações, mas precisa interpretá-las e criá-las.

Na Arquitetura é essencial que se saiba transformar a informação recebida – o cliente / usuário com seus sonhos e desejos – em criação arquitetônica com conceitualização e entendimento crítico.

Sob o ponto de vista da psicologia por Marilena Chauí:

“(...) esquecendo ou ignorando a singularidade de cada desejo e que cada desejo inventa seu próprio objeto, a imaginação generaliza o singular desejado, universaliza-o abstratamente e o coloca fora de nós como valor, regra, norma e paradigma externo que opera coercitivamente sobre a multiplicidade dos desejos”. (Chauí, 1990, p.61).

O projeto arquitetônico seria então a solução social, espacial e formal, trazendo com ele considerações derivadas da demanda, condições específicas físicas e psicológicas advindas do cliente / usuário.

Desta forma, ele não pode ser tratado como mera especulação formal de um edifício em um lote, mas como resultado de uma postura conceitual concreta, que se considerado sob o ponto de vista psico-filosófico, passa a possuir significado e identidade.

Há contradições no ensino e métodos praticados, visto que a Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura – ABEA – publicou um documento preparatório para o X ENSEA – Encontro Nacional de Ensino de Arquitetura, com documentos anônimos do grupo de consultores:

“Assim nos deparamos com dois mitos simétricos: por um lado, a crença que disciplinas extra – arquitetônicas como a sociologia, a psicologia, a antropologia

e outras, com sua base de cientificidade, podem informar e garantir as decisões intra – arquitetônicas e, por outro lado, a crença oposta pela qual a arquitetura resulta da iluminação do arquiteto que, criativo, retira suas formas da pura intuição”. (Niterói, 1991).

Do ponto de vista dos processos psicológicos envolvidos no ato criativo estão o compromisso com a criação e a dinâmica entre consciente e inconsciente. O ato criativo é um processo que envolve a totalidade do ser, o que diz respeito à razão, intuição, emoção e sentimento.

De acordo com Ostrower (1977) e enfatizado pelo arquiteto Flávio Carsalade em sua dissertação de Mestrado, quando cita a autora:

“... a criação é um pensar específico sobre um fazer concreto, ou seja, o criador deve conhecer muito bem a sua matéria de trabalho, suas possibilidades e limitações, pois, segundo a autora, a todo criar corresponde um “formar”, o que só é possível sobre as características peculiares de uma matéria específica”. (Carsalade, 1997, p.207).

No Fórum Brasil de Arquitetura – evento ano 2001 – em um espaço aberto para debates onde foram discutidos diversos temas relativos à atividade destaca-se o seguinte: “Qual é o limite entre a vontade do cliente e o bom senso arquitetônico?”.

Dentre vários depoimentos vale relatar o da arquiteta Cristina Casanova Lotitto:

“O arquiteto é meio psicólogo, meio advogado, acabamos sendo cúmplices do cliente para melhor conceber e atender o programa do projeto. Cada cliente tem uma maneira diferente de agir (...) No caso de projetos residenciais, as relações são mais complexas, pois mexemos com os sonhos, é um projeto mais demorado, de maior convivência e sintonia entre o arquiteto e cliente (...) O arquiteto deve se preparar muito antes de elaborar o projeto. Só entendendo muito bem o que o cliente quer, para poder propor soluções inovadoras sem

comprometer a vida dele. A arquitetura tem que estar incorporada ao mundo, deve ser maravilhosa mas, antes de tudo, precisa ser adequada ao uso.” (Lotitto, 2001)

Em contrapartida o arquiteto Eduardo Longo em depoimento relacionado à mesma questão salientou:

“As relações com o cliente não são o meu forte. Não tenho praticamente nenhum cliente hoje em dia. Não sei se pelas minhas idéias, se pelas minhas convicções ou mesmo por minha incompetência no relacionamento com o cliente. Minha incapacidade de convencer. . .” (Longo, 2001)

A partir daí, pode-se ressaltar a importância da psicologia e filosofia como contexto comunicacional e salientar o objetivo da Educação em integrar este elemento mediador em um novo paradigma educacional, da crítica e do fazer arquitetônico, a fim de construir o conhecimento relendo criticamente o passado e retornando sempre a uma parte da história da humanidade na Terra.

Tendo como ponto de partida para a pesquisa o usuário, busca-se no referencial bibliográfico a relação estabelecida por ele com o ambiente e com o arquiteto. Partindo de abordagens que fazem a conexão entre o usuário / ambiente é possível demonstrar a importância que existe nas relações e o envolvimento deste usuário com o arquiteto, visto que fenômenos existenciais e psicológicos caminham juntos visando a qualidade do espaço arquitetônico.

Desta forma, o presente trabalho procura explorar as questões relacionadas, utilizando a teoria pertinente ao tema proposto, e método julgado apropriado para este tipo de investigação.

## **1.2 Problema da Pesquisa**

- Como a relação humana interpessoal cliente / usuário / arquiteto está sendo contemplada na formação do profissional arquiteto urbanista?

Esta questão remete-se à caracterização da arquitetura enquanto “ciência social aplicada”, e à verdadeira formação do arquiteto ao egressar a faculdade e iniciar sua carreira profissional.

É a partir da relação com o “outro” que se torna possível angariar clientes que se identifiquem com o trabalho do arquiteto, visto que o projeto arquitetônico possui uma dimensão simbólico / cultural que constitui referencial importante para o indivíduo-cliente / usuário.

E onde está o estudo da relação cliente / usuário / arquiteto dentro das Escolas de Arquitetura e Urbanismo? Como o estudante ou profissional recém formado conseguirá interpretar o sonho do “outro” se não houve base pedagógica com enfoque específico em “psicologia, filosofia e desejo?”.

Não basta saber resolver tecnicamente qualquer problema arquitetônico, ou adotar o melhor partido para este ou aquele terreno, nem mesmo saber conceituar um projeto baseado em seus próprios fins.

É importante lembrar, que diferentemente dos projetos concebidos durante o curso de Arquitetura, existe uma outra pessoa envolvida neste processo: uma pessoa “real” com todos os seus “sonhos” esperando para serem materializados, sua história, seu passado e seus “desejos” que nem ele mesmo – o cliente / usuário – consegue compreender.

A utilização de uma abordagem psico-filosófica e social dentro das Escolas de Arquitetura e Urbanismo é fundamental para que o estudante / futuro profissional consiga realizar uma nova leitura das interações entre o comportamento humano, o ambiente construído e o desejo intrínseco presente nesta relação.

## **1.3 Hipóteses da Pesquisa**

### **1.3.1 Hipótese Geral**

- A formação do profissional arquiteto urbanista não contempla conteúdos que abordem a relação humana interpessoal cliente / usuário / arquiteto.

Segundo Canter & Kenny (apud Almeida, 1995, p.12) :

“Se não tiver uma compreensão do papel do ambiente físico na vida das pessoas, torna-se extremamente difícil saber quais aspectos do ambiente medir e como discutir a significância de qualquer relação encontrada entre o ambiente e a ação ou experiência humana”.

Também em sua dissertação de mestrado “Análise das Interações entre o Homem e o Ambiente”, a arquiteta Maristela Almeida continua: “Além destas questões fundamentais, também a utilização de abordagens advindas tanto das ciências sociais quanto da psicologia parecem ser de difícil manipulação pelos arquitetos”. (Almeida, 1995, p.12).

### 1.3.2 Hipóteses de Trabalho

- A relação estabelecida entre usuário e ambiente pode ser entendida pela análise das dimensões fenomenológicas e dos fenômenos existenciais.
- Através do estudo sob o enfoque da psicologia do desejo, é possível compreender a relação estabelecida entre usuário / arquiteto e interpretar as expectativas e desejos do cliente / usuário.
- A modelagem do desejo do cliente / usuário, juntamente com a análise fenomenológica e comportamental, transforma o projeto arquitetônico em um elemento singular e pessoal, voltado inteiramente para o indivíduo e o encontro de sua identidade.
- A inserção da psicologia e filosofia como suporte teórico na concepção do projeto arquitetônico e relação com o cliente torna o profissional apto para a prática profissional.
- As Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais não contemplam a relação humana interpessoal cliente / usuário / arquiteto, a fim de auxiliar o aluno na análise e interpretação do desejo do outro para posterior modelagem.

### 1.4 Objetivos

### 1.4.1 Objetivo Geral

- Verificar a existência de conteúdos que abordem a relação humana interpessoal cliente / usuário / arquiteto na formação formal do arquiteto urbanista em uma amostragem das Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais.

### 1.4.2 Objetivos Específicos

- Examinar aspectos metodológicos que busquem entender e adequar as necessidades existenciais do cliente / usuário a partir da análise de dimensões fenomenológicas e comportamentais.
- Ressaltar a importância do entendimento da relação humana interpessoal cliente / usuário / arquiteto na formação e prática do arquiteto urbanista.
- Introduzir conceitos que permitam conhecer, interpretar e modelar o desejo do cliente / usuário.

## 1.5 Metodologia

O trabalho de pesquisa constitui-se em mostrar a realidade existente nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais referente ao entendimento da relação humana interpessoal cliente / usuário / arquiteto.

A partir de análises sobre a importância da boa formação em ciências humanas para o arquiteto, nasce uma nova proposta de inserir a psicologia do desejo e a filosofia em termos fenomenológicos no processo de aprendizagem, em colaboração à crítica do fazer arquitetônico e ao ensino de Arquitetura e Urbanismo.

As análises possuem fundamentação em referencial bibliográfico relativo à psicologia, filosofia, dimensões fenomenológicas e comportamentais, com realização de uma pesquisa de campo nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais, visando a análise documental dos currículos, disciplinas e conteúdos, com posterior análise e avaliação.

A adoção de sistemáticas de análise e avaliação nada mais é que uma tentativa de detectar erros e problemas que, sanados, permitam diminuir o hiato entre aquilo que as pessoas – cliente / usuário – necessitam e desejam e aquilo que os arquitetos urbanistas oferecem.

## **1.6 Estrutura da Dissertação**

O presente trabalho apresenta-se organizado em 06 capítulos da forma como se segue:

O capítulo 01 refere-se ao problema que motivou o trabalho de investigação e às questões levantadas durante o processo, expondo a hipótese e a forma de desenvolvimento do trabalho.

O capítulo 02 examina aspectos metodológicos das análises das relações entre homem e ambiente, relacionando os elementos arquiteturais às dimensões fenomenológicas e comportamentais.

O capítulo 03 introduz conceitos vinculados à psicologia e filosofia, abordando a dialética do desejo e discutindo aspectos relacionados à sua interpretação e modelagem na Arquitetura.

O capítulo 04 aponta questões referentes ao ensino de Arquitetura e Urbanismo, demonstra o resultado da pesquisa, analisa o quadro existente e avalia, relacionando os pontos abordados ao referencial bibliográfico.

O capítulo 05 expõe as conclusões finais, examinando os resultados encontrados, fazendo sugestões e recomendações para trabalhos futuros.

## 2. A RELAÇÃO HUMANA E AS NECESSIDADES EXISTENCIAIS

A prática da arquitetura, consubstanciada no projeto arquitetônico, aponta para atitudes específicas, fazendo com que a especificidade prepondere sobre a generalidade.

De acordo com o arquiteto Flávio Carsalade (1997), não existe uma seqüência de passos que ofereçam soluções projetuais universais, visto que cada projeto configura um universo em si mesmo. Não existe um método desenvolvido para solucionar todos os problemas contidos em cada objeto de intervenção.

Porém, se a arquitetura não se comporta com a precisão e previsibilidade de métodos científicos, também não pode ser considerada imprevisível, visto que tem como objetivo principal concretizar o desejo do usuário enquanto cliente particular em busca de seu próprio sonho, ou do usuário representante de uma sociedade que se reconhece e se move nos planos urbanos e no desenho das cidades.

A arquitetura trabalha, portanto, conjuntamente a especulação conceitual e a necessidade de concretização física imediata. Segundo definição de Carsalade: “ O projeto arquitetônico trabalha com a materialização física do conceito”. (1997, p.155).

Dentro desta relação existente entre concreto e conceito tem-se o questionamento da cultura e seus significados.

A partir de conteúdos envolvidos no processo da produção arquitetônica e presentes na posterior leitura espacial que se faz, pode-se verificar como o contexto cultural, político,

histórico e social, juntamente com as necessidades físicas e emocionais do cliente / usuário, tornam-se elos que se ligam e completam para romper com a fundamentação do método e confirmar a especificidade de cada caso na produção arquitetônica.

O processo de projeção é um processo de estruturação da realidade e segundo Carsalade:

“ . . . a tarefa do arquiteto seria então a de entender a especificidade de cada instituição para que pudesse criar o seu corpo físico, o seu jeito próprio de ser, de se manifestar concretamente”. (1997, p.157).

Louis Kahn colocou a Arquitetura como uma resposta a um desejo de expressão humano e (apud Norberg-Schulz, 1986) entendia o projeto arquitetônico como um “formar”, um dar forma a uma instituição segundo seu desejo de existir. Segundo Kahn (apud. Bastos, 2001) : “ . . . os espaços devem ser capazes tanto de revelar quanto de proporcionar aos homens, relações com a Arquitetura em seus sentidos essenciais”.

De acordo com as necessidades espaciais humanas e características existenciais do espaço torna-se possível compreender a relação entre o ser humano e o espaço arquitetural.

## **2.1 Fenomenologia e Arquitetura**

A compreensão da relação existente entre o ser humano e o espaço arquitetural se torna clara através do estudo da fenomenologia, referenciada por Merleau-Ponty (1990) como o valor da dimensão temporal na descrição plena e isenta da experiência.

Com o desenvolvimento da psicologia contemporânea é possível convergir para a investigação fenomenológica, compatibilizando psicologia e filosofia e estabelecendo entre elas uma relação de envolvimento recíproco.

Buscando raízes na psicoterapia, tem-se como objetivo a busca de um caminho para a compreensão da natureza fundamental do homem através de estudos baseados na fenomenologia.

Ao contrário do humanismo individual, a fenomenologia é um movimento filosófico que se estruturou no início do século XX, através de Husserl. O termo foi também utilizado por Hartman, Pirce e Stumpf, chegando ao sentido husserliano, anunciado na obra *Logische Untersuchungen* (1900-1901) onde Fenomenologia é entendida como um método para fundar a lógica pura e, posteriormente, pensada por Husserl para fundamentar a totalidade dos objetos possíveis.

É necessário lembrar que a concepção de fenomenologia sofreu uma evolução ao longo do pensamento husserliano. Como nos mostra Van Breda no seu artigo *Phenomenologie*, existe em Husserl, duas grandes concepções de fenomenologia.

Na primeira, Husserl – início do século XX - define fenomenologia como uma ciência que tem como objetivo a descrição das essências fundamentais para uma problemática filosófica dada, seguida por psicólogos, psiquiatras e críticos de arte. A segunda concepção, seguida por filósofos proclama a fenomenologia possuidora da tarefa de reconstruir a gênese intencional da consciência e os passos constitutivos que a consciência coloca em movimento.

Cada um dos inspirados pela Fenomenologia vai, porém, trilhar um caminho próprio. É por esta razão que temos diversas concepções ao longo da história do pensamento psicológico. Uma observação se faz necessária no sentido de precisar que todos os que adotam o método fenomenológico se opõem ao método científico clássico e à análise central dos fenômenos psíquicos, caracterizando a fenomenologia como uma nova maneira de abordar os fenômenos psíquicos.

Assim, uma vez que a abordagem fenomenológica permite compatibilizar as ciências da psicologia e filosofia, é possível transportar para o âmbito da arquitetura a observação e análise das relações entre homem e ambiente, considerando o contexto que envolve as necessidades e valores do usuário, interpretando os fenômenos que surgem neste processo e descobrindo os significados e significantes presentes na ambigüidade do universo arquitetônico.

A reflexão fenomenológica defende a vida como verdade autêntica e reconhece na obra de arte um encontro com a verdade que modifica realmente aquele que a experimenta: o sujeito que reconduz o objeto ou obra ao contexto real, ao indivíduo e ao mundo no qual ele encontra significação, reconectando-o à verdade, reajustando seu modo de ver e estar no mundo, conduzindo-o a uma compreensão de si próprio.

Na obra arquitetônica, o real se transfere, ou seja, adquire sentido a partir das experiências individuais do usuário, liberando o ser verdadeiro da causalidade e estruturando de forma completa e coerente a nova realidade.

Maria Lúcia Malard (1992), em sua tese de doutorado intitulada *Brazilian low-cost housing : interactions and conflicts between residents and dwellings*, utiliza a abordagem da fenomenologia para sustentar a relação de conexão entre homem e

espaço, partindo da idéia de que se o homem é “ser no mundo” então a existência do homem é espacial, sendo o espaço a que ela se refere o espaço arquitetural, dotado de todos os significados que a existência humana possui.

Desta forma podemos nos apoiar na noção de espaço arquitetural como concretização de imagens e esquemas ambientais desenvolvidos a partir da teoria de espaço existencial baseada na fenomenologia (Norberg – Schulz, 1975).

Dentro desta abordagem e da fundamentação da teoria desenvolvida por Malard, assim como na Ergonomia, toma-se o homem como referencial e forma-se entre ele e o espaço uma unidade indivisível, uma vez que todas as ações humanas acontecem no espaço. Esta relação caracteriza a existência humana simultaneamente como espacial, funcional, racional e simbólica, incorporando todas as necessidades humanas, suas expectativas e desejos. (Heidegger, 1986).

O espaço, portanto, fica definido como mediador da existência de todas as ações humanas e, por conseguinte, da existência do homem, sendo orientador e tomando o corpo humano como referencial. Desta forma é possível definir o corpo como sujeito do espaço e o espaço arquitetural como espaço vivenciado, de forma a caracterizar a seguinte relação: se o espaço é existencial, a existência é espacial. (Merleau-Ponty, 1987).

## **2.2 Habitabilidade**

Maria Lúcia Malard (1992) coloca o habitar como característica fundamental da vida humana. Partindo desta premissa os edifícios que o homem habita devem permitir que

o relacionamento entre edifício e pessoas seja uma experiência plena. As características essenciais de um edifício são portanto, segundo Malard (1992), a essência do edifício, que pode ser denominada de habitabilidade.

Partindo da investigação fenomenológica em torno da habitabilidade, tem-se como características fundamentais as relações estabelecidas entre a experiência do usuário e o objeto. De acordo com Bollnow (apud Almeida, 1995) “habitar” adquire um sentido mais amplo, referindo-se não só à casa, mas caracterizando a relação do homem com o espaço.

A relação entre usuário e objeto se fundamenta nos significados atribuídos ao ambiente: geográfico (seu formato – que abriga) e simbólico (seus signos – que apresenta a sociedade).

Segundo Marans & Spreckelmeyer (apud Almeida, 1995) a percepção que o indivíduo tem de seu ambiente advém de associações com experiências anteriores, valores sociais e simbólicos, atribuídos à funcionalidade dos espaços.

A dimensão funcional presente na Arquitetura constitui importante elemento organizador dos espaços, porém não pode ser abordada como unicamente responsável pela habitabilidade como um todo.

A experiência Modernista, ao consagrar a funcionalidade, demonstrou uma estética pretensamente independente do passado, negligenciando a dimensão simbólica e demonstrando falhas no que se refere às necessidades do usuário e sua história. (Almeida, 1995).

Desta forma, torna-se essencial inter-relacionar as dimensões prática, funcional e simbólica para que a habitabilidade seja composta por características do edifício e seu entorno. Estas qualidades interligadas entre si, são definidas por Malard como:

- dimensão prática : responsável pela proteção contra intempéries
- dimensão cultural e simbólica : responsável pela agradabilidade, segurança e conforto
- dimensão funcional : responsável pela viabilidade das atividades no espaço

Ao apropriar-se de seu espaço o usuário busca diferenciá-lo e qualificá-lo através de um conjunto de signos e símbolos que comunicam valores culturais, sociais e históricos, de forma que seja possível a conexão com o passado.

Buscando referências em Herman Hertzberger (conforme publicação em Fórum 7 – 1967 com o título “Identidade”):

“No projeto de cada edifício, o arquiteto deve constantemente ter em mente que os usuários devem ter a liberdade de decidir por si mesmos como querem usar cada parte, cada espaço. Sua interpretação pessoal é infinitamente mais importante do que a abordagem estereotipada do arquiteto ao aderir de modo estrito a seu programa de construção”. (1967, p.170).

E continua:

“São as discrepâncias que nascem da necessidade individual de cada um de interpretar uma função específica, dependendo das circunstâncias e do lugar, à

sua maneira, que acabam fornecendo a cada um de nós uma identidade própria, e, já que é impossível (como sempre foi) adequar todos às mesmas circunstâncias, devemos criar esse potencial para a interpretação pessoal, projetando as coisas de tal maneira que elas possam ser efetivamente interpretadas”. (1967, p.170).

É importante salientar a busca pela modificação e humanização do espaço pelo indivíduo a partir de sua própria concepção de espaço. Baseando-se na teoria abordada por Malard, o usuário busca encontrar, ou não, sua identidade nos diversos lugares em que vive ao transformar os espaços segundo suas necessidades e desejos.

### **2.3 Interações existentes no processo de habitar**

Na tentativa de melhor compreender a complexa interação pessoa / ambiente, a abordagem adotada busca demonstrar o objetivo apontado por Malard (1992) de melhorar a qualidade dos objetos arquiteturais, adequando-os as necessidades, potencialidades e desejos do homem, vendo-o como ser integral inserido em uma determinada cultura.

A avaliação social das edificações tem como objetivo verificar o atendimento das finalidades humanas e sociais estabelecidas para aqueles espaços. Estuda-se o ambiente construído “em uso”, a fim de analisar a utilização dada ao local pelos usuários, com especial atenção para a adequação entre ambiente e atividades, interesses e necessidades de seus ocupantes.

É através da investigação entre as pessoas e os espaços arquiteturais e suas leituras espaciais correspondentes que percebem-se os conflitos, analisados como resultado e revelados como fenômenos existenciais – fenômenos subjetivos que ocorrem no processo do habitar.

Partindo do princípio de que o homem habita o mundo, o fenômeno “habitar”, adquire três dimensões – segundo Perla Korosec-Serfaty – chamadas de dimensões fenomenológicas: interior / exterior, visibilidade e apropriação.

Malard analisa o habitar e desenvolve um desdobramento – expressos através de dimensões comportamentais - agrupados da seguinte forma: privacidade, territorialidade, identidade e ambiência.

### 2.3.1 Dimensões Fenomenológicas

As dimensões fenomenológicas caracterizam fundamentalmente o processo do habitar, pois através delas o usuário pode experimentar a edificação, focalizando o “como” nesta relação existente entre pessoas e espaço.

A primeira dimensão – interior/exterior - está ligada à praticidade, garantindo proteção contra condições adversas; a segunda – visibilidade - é caracterizada pela dimensão cultural e simbólica, garantindo a segurança e o conforto; e a terceira dimensão – apropriação - está associada aos aspectos funcionais, viabilizando o uso do espaço nas atividades cotidianas. É importante ressaltar que estas três dimensões encontram-se interligadas e suas qualidades inter-relacionadas.

### 2.3.1.1 Interior / Exterior

A característica de interior / exterior está estreitamente ligada à demarcação do território. É a caracterização de fronteiras estabelecidas pelo usuário para o espaço arquitetural, diferenciando-o e qualificando-o de maneira que haja definição, marcação e construção de lugares específicos dentro deste contexto.

A partir da criação de lugares arquitetônicos, assim como a qualificação e diferenciação destes espaços, há a distinção daquilo que é público ou privado, sagrado ou profano, estabelecendo raízes e conexões existenciais.

Segundo Malard (apud. Almeida, 1995, p.24) “a dimensão fenomenológica de estabelecimento de interior / exterior compreende, mais diretamente, o fenômeno de territorialidade, relacionando-se também com os de identidade e privacidade, mais indiretamente”.

### 2.3.1.2 Visibilidade

Esta característica se desenvolve através do controle da exposição do usuário. A partir das necessidades individuais de cada um, se torna possível distinguir aquilo que pode e deve ser mostrado daquilo que deve ser preservado.

A importância da visibilidade está na intenção do usuário. Para que se possa utilizar o espaço reservadamente ou expor totalmente a atividade desempenhada, utiliza-se deste fenômeno garantindo assim o nível exato de visibilidade que se quer atingir.

Este conceito de exposição ou não para cada tipo de atividade e / ou usuário está intimamente ligado à cultura e relação social estabelecida entre o homem e o meio, variando de acordo com a dimensão simbólica inerente em cada um.

Malard (1992) aponta os fenômenos relativos a esta dimensão como privacidade (aquilo que deve ser ocultado) e identidade (aquilo que deve ser mostrado).

### 2.3.1.3 Apropriação

A característica de apropriação envolve uma grande interação do usuário com o espaço arquitetural, visto que resulta da adaptação do espaço em função do usuário. Ele molda o espaço para sentir todos os significados que o envolvem. É a humanização dos espaços realizada pelo homem.

Este processo de experimentação e apropriação do lugar eleva a dimensão de viver no espaço, englobando todas as formas de interação e expressando suas particularidades através da utilização personalizada do meio.

A apropriação se dá pela funcionalidade adaptada ao espaço arquitetural, visto que a adaptação do lugar depende diretamente da atividade nele desempenhada.

Almeida enfatiza que “apropriar-se de um espaço também é estar conectado a ele no passado, presente e futuro, decorrendo daí o vínculo com a preservação da identidade. Mas a apropriação também é relativa ao fenômeno de ambiência, que é a necessidade de estar confortável enquanto atua e cuida do espaço”. (1995, p.25).

Assim, pode-se perceber que as três dimensões mencionadas estão inter-relacionadas e baseadas em conceitos comuns, visto que para cada uma delas é necessário considerar as dimensões funcional, social e cultural presente em cada indivíduo.

Estas dimensões tornam cada espaço diferenciado e revela a interação entre o homem e o ambiente construído.

### 2.3.2 Dimensões Comportamentais

As dimensões comportamentais são fenômenos existenciais - revelados através de conflitos observados na interação existente entre usuário e ambiente. Expressam necessidades humanas que precisam ser analisadas como conceitos importantes a serem considerados na concepção de um elemento arquitetural.

O primeiro fenômeno – territorialidade - está ligado à demarcação territorial na busca de seu espaço pessoal; o segundo fenômeno – privacidade – objetiva controlar os eventos interpessoais; o terceiro fenômeno – identidade – se caracteriza pela personalização do espaço pelo indivíduo e o quarto fenômeno – ambiência – pode ser definido como um aspecto relacionado a variáveis culturais e aspectos fisiológicos, sendo importante observar a relação existente entre eles.

A partir destes fenômenos relacionados, tem-se sua caracterização enquanto dimensão comportamental a seguir:

#### 2.3.2.1 Territorialidade

Territorialidade é um fenômeno existencial ligado ao estabelecimento de limites. De acordo com Altman (apud. Malard, 1992) demarcação territorial é um mecanismo que visa marcar fronteiras entre pessoas, buscando personalizar o espaço em defesa de sua caracterização pessoal.

Marcar o espaço de forma concreta ou simbólica está ligado à possibilidade de regulação de barreiras e níveis de poder sobre determinado espaço. Esta relação de poder se desenvolve entre indivíduos e espaços, incluindo a ocupação de uma área e sua personalização.

O conceito de territorialidade atua como fator importante de regulação das relações sociais, sendo possível a criação de extensões materiais de seu próprio ser, segundo Hall (apud Almeida, 1995), com a finalidade de demarcar seu espaço de forma clara ou sutil.

Os elementos arquitetônicos relacionados à territorialidade são: muros, grades, peitoris, portas, portões, cercas, marcas no chão, soleiras e outros.

#### 2.3.2.2 Privacidade

Este fenômeno se relaciona à possibilidade de regulação de fronteiras, tornando possível o controle seletivo de pessoas, atividades ou espaços. Este processo de controle dos eventos interpessoais, conforme Willis (apud Malard, 1992) se dá pela necessidade psicológica do usuário, proveniente da posição social e bagagem cultural.

Isto significa que a regulação daquilo que deve ser ocultado ou não, se mostra mais importante entre pessoas pertencentes a classes sociais diferentes, visto que possuem padrões materiais e comportamentais diferentes.

O comportamento espacial relativo à forma de se relacionar com o espaço está estreitamente ligado ao fenômeno existencial de privacidade, assim como o comportamento segundo normas culturais e simbólicas.

Os elementos arquitetônicos relacionados à privacidade são: paredes, aberturas, acústica, lay-out, dimensão dos espaços e outros.

### 2.3.2.3 Identidade

O fenômeno identidade se define como características pessoais que tornam tanto o indivíduo quanto o espaço repletos de componentes simbólicos representantes de sua linguagem própria.

Segundo Malard (1992), são todas as qualidades, crenças e idéias que fazem alguém sentir-se ao mesmo tempo indivíduo e membro de um grupo particular. A partir da relação estabelecida entre imagem e valores, ficam definidos significados e significantes essenciais para a comunicação do indivíduo com o mundo.

Os elementos arquitetônicos relacionados à identidade são: materiais de acabamento em geral, configuração formal, adornos e outros.

### 2.3.2.4 Ambiência

Ambiência pode ser considerada como um conjunto de elementos que tornam o espaço agradável para o usuário. Pode ser relacionada à sua dimensão subjetiva ou fisiológica. Quando analisada pelo aspecto da subjetividade pode-se relacioná-la à cultura e à relação estabelecida entre pessoas e objetos.

Quando analisada pelo aspecto da objetividade pode-se relacioná-la às condições de conforto do ambiente construído, inerentes à condição humana. É importante salientar este fenômeno como resultado do conjunto de todas as qualidades do espaço, englobando todos os outros fenômenos, e demonstrando a inter-relação existente entre eles.

Os elementos arquitetônicos relacionados à ambiência são: elementos relativos ao conforto ambiental – acústico, térmico, visual e antropométrico – materiais, texturas, cores e outros.

## 2.4 Conflitos X Concepção Projetual

A complexidade que envolve a criação de condições ambientais satisfatórias ao usuário demonstra que cada indivíduo possui um nível diferente de sensibilidade física e psicológica, além de valores sociais e culturais diferentes.

A observação e análise destas características assim como dos fenômenos relacionados, leva à concepção de projetos arquitetônicos com qualidade prática,

funcional e simbólica, visto que as interações usuário / ambiente demonstram aspectos individuais.

A teoria desenvolvida por Malard (1992), “teoria dos conflitos arquitetônicos” – tendo como objeto de estudo a casa popular - e utilizado por Almeida (1995) – tendo como objeto de estudo uma agência bancária - se embasou no desenvolvimento da estrutura conceitual de questões filosóficas relativas ao entendimento do espaço arquitetural.

Visando recuperar a verdadeira criatividade no processo projetual, a abordagem fenomenológica foi empregada com o intuito de resgatar a dimensão humana da arquitetura.

As fases de desenvolvimento do trabalho de Almeida (1995) foram executadas a partir de um estudo conceitual, com posterior estudo de caso em uma agência bancária, investigando a ocorrência de conflitos que revelassem fenômenos nas interações entre usuários e ambiente arquitetural. Os resultados obtidos demonstraram que os conflitos observados nas interações entre usuários e ambiente revelam fenômenos existenciais relacionados aos elementos arquitetônicos que compõem o local estudado.

É importante observar os conflitos nas interações usuário / ambiente para que se compreenda as qualidades que os elementos arquitetônicos devem possuir para conferir habitabilidade aos edifícios.

Em relato conclusivo Almeida afirma que:

“. . . várias destas qualidades, no estudo em questão, só puderam ser detectadas pela observação direta dos fenômenos. Outro método, que utilizasse questionários ou entrevistas formais, não identificaria conflitos como, por

exemplo o fato do vidro do guichê ser alto para muitos clientes que precisam "espichar-se" para comunicar-se com o caixa". (1995, p.116).

O método descrito caracteriza-se por uma análise qualitativa com abordagem interpretativa dos elementos colhidos em pesquisas aliados à observação direta dos fenômenos, tornando-se possível concluir a real importância da utilização do método tanto como instrumento nas avaliações pós-ocupação, assim como nas análises ergonômicas.

Todos os fenômenos existenciais citados foram observados e demonstrados na análise dos conflitos, fundamentados na teoria desenvolvida por Malard (1992) e considerados como aspectos relativos às dimensões fenomenológicas e comportamentais.

Conforme Dejean, Pretto e Renouard (apud. Almeida, 1995, p.118) "o projeto deve contemplar aspectos de representação, comunicação, orientação, manutenção e ampliação".

A investigação da qualidade dos edifícios sob o ponto de vista de sua habitabilidade tornam acessíveis resultados passíveis de serem traduzidos para o universo da Arquitetura.

Herman Hertzberger no livro "Lições de Arquitetura" chama a atenção para o seguinte:

"O uso que se faz do espaço determina suas proporções corretas, e, como as condições arquitetônicas e espaciais de um lugar encorajam certas formas de uso e desencorajam outras, os arquitetos tem uma tremenda influencia, quer queiram quer não, sobre o que pode acontecer e acontecerá num espaço". (1991, p.192)!

Apontando algumas reflexões é importante ressaltar o usuário como personagem envolvido com a arquitetura, seja pela experimentação dos edifícios ou das cidades, o

que leva a uma recondução às premissas do projeto arquitetônico, pensando o cliente / usuário como uma terceira instância, para além da obra a ser criada e seu autor.

Desta forma, a partir das observações baseadas nas dimensões fenomenológicas e comportamentais pode-se pensar a concepção arquitetônica como estruturada significativamente, movida pelas necessidades e desejos do cliente / usuário.

### 3. PSICOLOGIA E DESEJO

A palavra desejo deriva-se do verbo *desidero*, em latim, que, por sua vez, deriva-se do substantivo *sidus*, significando a figura formada por um conjunto de estrelas, isto é, as constelações. O tema é mítico antes de filosófico, e Platão o trabalha, amplia e aprofunda incessantemente, colocando-o no centro de seus múltiplos exercícios filosóficos e alimentando várias formas de utopia.

Segundo Marilena Chauí (1990), o verbo é pertencente ao campo das significações da teologia astral ou astrologia, inserindo-se na trama dos intermediários entre Deus e o mundo dos entes materiais (corpos e almas habitantes de corpos).

Chauí (1990) aponta o significado da palavra desejo como a decisão de tomar nosso destino em nossas próprias mãos, vontade consciente nascida da deliberação. Significa também uma perda, privação do saber sobre o destino, carência, vazio que tende para fora de si em busca de preenchimento.

Essa ambigüidade do desejo – decisão ou carência – transparece nos dicionários: querer, ter vontade, ambicionar, ansiar, cobiçar.

“Que é pois, o desejo ? O desejo é a própria essência do homem enquanto concebida como determinada a fazer algo por uma afecção nela encontrada. Portanto pelo nome de desejo entendo todos os esforços, impulsos, apetites e volições do homem que variam segundo a disposição variável de um mesmo homem e não raro são de tal maneira opostos entre si que o homem é puxado em sentidos contrários e não sabe para onde voltar-se.” ( Espinosa, *Ethica*, III, def. 1, p.190)

Segundo Pessanha (1990), analisando a obra de Platão é possível assistir no seu interior, ao confronto entre duas formas de desejo: de um lado, o desejo enquanto aspiração, enquanto anelo, a remeter a alma, ascensionalmente, na direção de sua

condição originária; de outro lado, o desejo enquanto apetite, que crava a alma no corpo, prendendo-a à horizontalidade da imediatez, do factual, do empírico. O primeiro é impulso de liberação, o segundo aprisiona.

Cada qual subentende um tipo de vínculo com a temporalidade e associa-se a uma espécie de memória. Entretanto, esse embate entre desejos voltados para objetos de diferentes naturezas cria uma tensão permanente, que ultrapassa o nível psicológico e se desdobra nos planos epistemológico, ético, político, constituindo um dos focos irradiantes da sempre reaberta construção do platonismo.

De acordo com Nelson Levy:

“Ocorre que os Humanos serão eternamente unos na dualidade de seres sociais e individuais, físicos e simbólicos, biológicos e ético-culturais, apaixonados e racionais, movidos pelo instinto de conservação e pelo amor ao próximo (ou pelo desejo do Outro)”. (1990, p.157).

E sendo os Humanos seres de natureza dual, a satisfação de suas necessidades está envolvida com as utopias da faculdade de desejar – faculdade tipicamente humana de governar a vida real em si mesma pela ordem do desejo.

Nos processos de transformação da realidade, do mundo e sua história, o desejo está sempre presente. Ele não pode ser reduzido a uma instância simplesmente subjetiva, visto que a partir da ação sobre as circunstâncias concretas da realidade é possível modificar o mundo, compreendê-lo, visando na expressão de Aulagnier, “fazer do mundo um lugar onde o prazer seja possível”.

### **3.1 Dialética do Desejo**

”Assim, podemos dizer que *todo sujeito é sujeito de um desejo*, ou melhor, *todo sujeito é sujeito porque é desejante* [...] Seguir desejante é assim, para o sujeito, ao mesmo

tempo condenação, signo de sua expulsão do paraíso, e condição de sua existência, já que *não desejar* o remeteria de volta à sua situação primitiva de *não ser sujeito*, indiferenciação anterior à esta separação inaugural que nos faz sujeitos de uma história pessoal e intransferível”. (Kehl, 1990, p.368).

O ponto de partida do processo dialético situa-se na inserção do homem na vida em geral, e essa inserção é vivida de tal maneira que ela não se sabe inserção. Gerd Bornheim: “O homem está na vida, sem saber esse estar – a vida é vivida inicialmente como um em si”. (1990, p.148).

Partindo deste processo, existem recursos psíquicos que criam a realidade na qual este indivíduo particular irá viver, realidade que não é simplesmente um dado exterior ao psiquismo e imposta a ele, mas recriação permanente do sujeito a partir de cada uma de suas intervenções concretas e, sobretudo simbólicas.

Kehl aponta: “O sujeito não se apropria simplesmente do código posto à sua disposição pela cultura, anterior à sua entrada em cena. Ele re-simboliza continuamente, interfere continuamente no código”. (1990, p. 368).

Os recursos psíquicos que se seguem são capazes de interferir nas circunstâncias existentes, reinterpretá-las, relativizá-las ou até mesmo alterá-las concretamente quando possível, interferindo também no código e re-simbolizando o real.

### 3.1.1 Memória e Consciência

Marilena Chauí (1990) coloca a memória como consciência da diferença temporal – passado, presente e futuro – a memória é uma forma de percepção interna chamada introspecção, cujo objeto é interior ao sujeito do conhecimento: as coisas passadas, lembradas, o próprio passado do sujeito é o passado relatado ou registrado por outros em narrativas orais e escritas.

Quando Freud elabora a teoria do desejo, a partir da interpretação dos sonhos, e enlaça desejo e memória, afirma que a ligação mnésica estabelecida com uma certa percepção faz com que procuremos restabelecer a situação primeira da satisfação – movimento chamado desejo.

“Indissociavelmente ligado aos traços da memória, o desejo busca realizar-se pela reprodução alucinatória das percepções antigas nas percepções presentes que se tornam, pela via da substituição, sinais precários de sua satisfação. O obscuro objeto do desejo não é, pois, algo real como um objeto natural, mas um sistema de signos que forma o fantasma. (...) A relação com a memória é a relação com o tempo e o desejo se constitui como temporalidade, aptidão do sujeito para protelar indefinidamente a satisfação, desligando-se do dado presente, encontrando mediações que o remetem ao ausente e abrindo-se para o que conhecemos como imaginário e simbólico”.(Chauí, 1990, p.25).

Segundo Bergson, consciência significa principalmente memória. Apesar de todas as falhas e variações possíveis, memória e consciência estão definitivamente unidas, sendo até mesmo difícil, em certo sentido, distingui-los como coisas distintas.

Uma pretensa consciência que não envolvesse uma certa conservação do passado pereceria e renasceria a cada instante, e isso seria a própria definição de inconsciência. Consciência é, pois, memória, como "conservação e acumulação do passado no presente".

Bergson (1911) considera também o caráter de futuro envolvido na consciência. A atenção é uma expectativa ao que vai ser, e sem essa não há consciência. Temos, então, consciência como a soma da antecipação e da retenção. O presente não existe, pois é apenas uma idealização, uma idéia falsa tentando explicar uma aparência do real e uma impossibilidade matemática. "O que percebemos de fato é uma certa espessura de duração que se compõe de duas partes: nosso passado imediato e nosso futuro iminente". Pode-se dizer, então, que a consciência é o traço de união entre o que foi e o que será, uma ponte entre o passado e o futuro.

Com esta última análise Bergson diz estar completa a conclusão a que anteriormente havia chegado:

"(...) se a consciência retém o passado e antecipa o futuro, é precisamente, sem dúvida, porque ela é chamada a efetuar uma escolha (...) O ser vivo escolhe ou tende a escolher. Sua função é criar. Num mundo em que todo o restante está determinado, uma zona de indeterminação rodeia o ser vivo. Como, para criar o futuro, é preciso que algo dele seja preparado no presente, como a preparação do que será só pode ser efetuada utilizando-se o que já foi, a vida se empenha desde o começo em conservar o passado e antecipar o futuro numa duração em que o passado, presente e futuro penetram um no outro e formam uma continuidade indivisa: esta memória e esta antecipação são, como vimos, a própria consciência. E esta é a razão, de direito, senão de fato, de que a existência seja coextensiva à vida". (Bergson, 1911 – conferência Universidade de Birmingham)

### 3.1.2 Razão e Imaginação

Segundo Marilena Chauí (1990), o campo privilegiado das relações entre alma e corpo é aquele onde ambos operam com o mesmo referencial, e esse campo é o das

imagens produzidas no corpo pela ação dos objetos exteriores sobre os órgãos dos sentidos. A imaginação é esse lugar enigmático onde transcorrem a passividade e a atividade.

É na e pela imaginação que o desejo – de acordo com Chauí (1990) - realiza seus movimentos, prendendo a alma ao seu corpo e o corpo a sua alma. Enlaçado nas imagens, o desejo enlaça nosso ser a exterioridade, carregando-a para nossa interioridade e simultaneamente, enlaça o interior ao exterior, impregnando este último com os afetos, fazendo todos os seres surgirem como desejáveis ou indesejáveis, amáveis ou odiosos, fontes de alegria, tristeza, inveja, esperança ou medo.

O que aconteceria com o desejo diante de um mundo imaginário?

“De fato passa como se o mundo fosse muito estreito para a presença simultânea da consciência desejante, do objeto desejado e do testemunho severo. Seu afrontamento provoca um mal-estar intolerável. É preciso que um dos três se dissimule, transforme-se ou desapareça. Graças ao recurso da imaginação, graças a docilidade do desejo, as soluções possíveis são numerosas.” (Starobinski, 1971)

De acordo com Novaes: “Sabemos que os desejos alimentam-se de imagens, caminham em direção ao imaginário como se trafegassem por entre a “representação que os seduz e a tendência da qual eles emanam (...) A relação desejo – imaginação é um modo accidental de que se serve o supersticioso para ordenar o próprio desejo”. (1990, p.12)

Para Merleau-Ponty (apud Novaes, 1990, p.13) “a imagem apenas resume certo trabalho de pensamento, ou traz referências simbólicas a certos objetos de pensamento”.

Para distinguir os desejos naturais e necessários daqueles produzidos pelo acaso, é preciso compreender a diferença entre imaginação e entendimento / razão. O desejo

depende, portanto, de uma associação que precede e condiciona sua existência, que lhe mostra um caminho, e que é uma associação entre traços e imagens, entre representações psíquicas.

A maioria dos conhecimentos são misteriosos, e a história do pensamento é o esforço de descobrir através da imaginação. É possível compreender o que é o desejo que nasce da razão, pois tem sua origem em nós mesmos, sendo portanto, a própria essência do homem.

“Esclarecendo o preceito baconiano de “aplicar a razão a imaginação”, tarefa da retórica na moral, tem-se o desejo como fruto da imaginação, não podendo ser vencido pela razão : “Vejo o melhor e o aprovo, mas sigo o pior”, dizem os versos de Ovídio. No entanto, a razão pode persuadi-lo, oferecendo-lhe novos objetos de satisfação ou substituindo por outro. À razão, cabe a astúcia industriosa e prudente de tornar vantajoso o que parece contrário e adverso, calculando a força dos desejos, obrigando-os a combater entre si, atormentando-os para que o mais fraco seja vencido pelo mais forte, proposto pela inteligência a persuasão”.(Chauí, 1990, p.43)

### 3.1.3 Significado e Representação

O desejo, segundo Mezan (1990), não é um dado original da natureza humana, mas se forma como resultado de uma série de processos. Uma vez formado, contudo, ele obedece a um certo modelo, ou talvez seja melhor dizer que ele constitui esse modelo, ao qual deverão se conformar as experiências posteriores para poderem ter o sentido de “realização de desejo”.

Mezan aponta a pregnância do passado atuante sobre as experiências do indivíduo, fazendo com que elas se apoiem umas nas outras e introduzam ao mesmo tempo novas figuras do desejável.

É então, de acordo com Kehl (1990), que se introduz a experiência do tempo, já que a psique, regida de acordo com os processos primários, vive uma espécie de atemporalidade, de simultaneidade entre a manifestação da necessidade e a representação do objeto da satisfação.

Kehl sustenta a importância de que a representação desses objetos tenha algum apoio na realidade, que se sustente minimamente diante da prova do corpo e da prova do código, as provas da realidade que nos interessam. “Assim, podemos dizer que todo sujeito é sujeito de um desejo, ou melhor, todo sujeito é sujeito porque é desejanter”.(Kehl, 1990, p.368).

A significação parece ter, então, uma base *relacional*, o que leva a postulação de que a doação de significado é um processo de relações, que não se refere apenas à esfera racional mas, como processo globalizador, envolve também o afeto e a emoção.

O nível simbólico é relativo ao universo das percepções, emoções e desejos, sentimentos que impulsionam o homem a agir e criar locais para suas ações dando significância aos espaços.

Segundo Carsalade (1997), os símbolos são a grande forma de entendimento pessoal do mundo, na medida em que eles tem uma função atribuidora de sentido que, combinada com seu forte lado emocional, tem um caráter significativo e ordenador. O símbolo funcionaria, portanto como intermediador com o mundo, com caráter eminentemente ordenador.

Esta concepção da importância funcional do símbolo coincide com a de Norberg-Schulz (1986) que discute as necessidades humanas básicas de orientação e identidade. Segundo ele, o homem tem necessidade de manter relações vitais com o ambiente que o rodeia para dar sentido e ordem a um mundo de acontecimentos e ações.

De acordo com Kehl (1990), as representações dos objetos da realidade são o único ponto de apoio do sujeito para falar do desejo, mas o julgamento que o Eu efetua sobre essas representações e principalmente sobre sua relação com elas está cheio de enganos, ou melhor, de ilusões, criadas pelas próprias colisões entre o desejo e o recalque.

O que se deseja é reconhecer um objeto de suas representações, de seu universo simbólico. Assim, quanto mais se “souber” mais chances terá de obter prazer, se aquilo que antecipa for encontrado de fato – e, nesse caso conhecemos o poder do desejo em promover ilusões de modo que essa pessoa possa encontrar exatamente o que esperava e simplesmente não perceber nada do que contrarie a imagem preconcebida dos seus sonhos.

O que mais se deseja é seguir desejando, seguir sendo sujeito de um enunciado que aponta para algum objeto real, reconhecido pelo Outro e que pode representar a reafirmação repetitiva do desejo no campo da realidade.

### **3.2 Desejo e Arquitetura**

No campo da Arquitetura, tem-se um subproduto fundamental do desejo da realidade: o desejo de atuar sobre o real e suas determinações. Interferências concretas que fazemos sobre o campo da realidade, até mesmo quando nos sentimos incapazes de simbolizá-la, devem ser consideradas como expressões possíveis do desejo.

Carsalade demonstra a relação do desejo presente em cada indivíduo e a produção arquitetônica frente às exigências atuais:

“Mais do que a busca da originalidade frívola que nada mais atende do que à efemeridade ditada pelo consumismo, a Arquitetura consegue dizer da origem de cada um de nós e, porque somos únicos no mundo, nossos olhos são filtros absolutamente originais que através de nossas mãos fazem construir coisas “primordiais”, em um certo sentido. A Arquitetura consegue realizar a nossa

expressão pessoal única no mundo, consegue dar forma e corpo a cada gosto pessoal, a cada maneira de dizermos nossa unicidade”. (2001, p.33).

É através dos meios de expressão arquiteturais que o homem consegue traduzir seus sentimentos que muitas vezes não tem nome, são emoções vagas presentes na diversidade dos elementos componentes da obra arquitetônica.

Em seguimento à reflexão proposta por Carsalade: “A expressão do mundo simbólico pessoal dignifica e mostra a dimensão profundamente humanista da Arquitetura”. (2001, p.32).

De acordo com Brandão: “Cumprir à teoria quebrar a identidade substancial com que a arquitetura é geralmente pensada e imediatamente apropriada para leva-la a um campo de relações e razões que passam despercebidas ao uso e à visão”. (2001, p.12).

Portanto, é essencial para a Arquitetura em sua relação com o cliente / usuário, a multiplicação de seus laços, suas inter-relações e funções, estabelecendo elos de ligação com a filosofia e psicologia.

### 3.2.1 Exercício Profissional: a relação cliente / usuário / arquiteto

A partir da transformação da sociedade moderna, a preocupação dos arquitetos em buscar a concepção da arquitetura na sua essência gera uma ênfase exagerada no resultado da forma, perdendo-se por vezes no emaranhado da visão consumista e estética, distanciando-se progressivamente da realidade.

No entanto, para que isto não aconteça no processo de reconstrução e recombinação de imagens é preciso buscar a criação que, segundo Carsalade (1997) é estabelecer relações, sendo o ser criativo aquele que consegue vislumbrar possibilidades de recombinações. A criatividade é o resultado de novas visões, novos sentidos, na realidade recombinação de seres e coisas.

A possibilidade de novos encontros e diálogos transforma o processo criativo em um ato de vontade, um gesto de transformação da realidade. Pressupõe algo mais que definir e entender determinantes e condicionantes de uma forma física. Significa harmonizar o local e o programa de necessidades em um todo coeso, integrado e expressivo, objetivando a modelagem do desejo do cliente / usuário.

Na Arquitetura, sobre essa multiplicidade instável e variada, atuam a ética, para educá-lo e transformá-lo em vontade refletida, e a retórica, para persuadir o cliente / usuário. Leva-se a pessoa a emitir uma opinião sobre um elemento apresentado, tomar uma decisão correta sobre uma opção de escolha, identificar-se ou distanciar-se daquilo que o arquiteto lhe apresenta como proposta. O desejo pode ser contrariado ou invertido, forçado a seguir outro curso e outro rumo, levado a outros fins. A retórica desperta e adormece desejos, comovendo a alma do ouvinte.

“Se a ética faz intervir a razão para dirigir o desejo através da virtude, alterando a direção, a velocidade e a finalidade de seu movimento para que encontre sua destinação natural, há um outro discurso que não pretende educar o desejo – oferecer-lhe a mediação virtuosa ou o justo meio termo entre extremos opostos – mas pretende movê-lo. O discurso que toma as paixões e o desejo como meio e como fim é a retórica, arte de encontrar os meios para persuadir”.(Chauí, 1990, p.33).

O trabalho do arquiteto está na modelagem do desejo aplicada à retórica, onde se busca a ligação entre razão e imaginação para melhor mover a vontade. Segundo Carsalade (1997), a Arquitetura cria espaços significativos como materialização espacial do homem sobre a Terra.

Para Ostrower (1983) criar é basicamente formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo da atividade, trata-se nesse novo, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e

compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender e esta, por sua vez, de relacionar, ordenar, configurar, significar.

Se por um lado a característica intrínseca da criação é a sua forte coesão e unicidade, por outro lado ela é essencialmente diversificação, pois é a diversidade que permite estabelecer novas leituras da realidade.

O compromisso com o objeto de criação permite o estabelecimento de uma tensão psíquica adequada. O ato criativo não é portanto, apenas a descarga da tensão psíquica, mas principalmente sua elaboração, a excitação causada pelo desejo de criar.

Carsalade (1997) expõe o ato criativo como processo holístico, funcionando como forma de intensificação da consciência. A questão do envolvimento do criador com o objeto de criação associada à importância do conhecimento prévio leva ao entendimento da necessidade de percepção abrangente da realidade com intensidade, com razão e com emoção, pois é também nestes vetores que a invenção é possível.

Este envolvimento existente entre cliente / usuário / arquiteto é reafirmado por Carsalade:

“O arquiteto funciona cotidianamente como ponte entre o desejo e a matéria. Pelo arquiteto passam as vontades de cada pessoa que lhe encomenda a materialização de seu abrigo, de sua forma exclusiva de se estar no mundo. Pelo arquiteto passam as instituições e suas demandas, também exclusivas, de se materializar e expor no mundo. Não existe, portanto, a alternativa de omissão do arquiteto na relação”. (2001, p.82).

Cabe ao arquiteto o compromisso ético com o desejo do cliente / usuário e com sua materialização, visto que cada projeto é o resultado da relação estabelecida entre eles. A partir desta inter-relação o arquiteto tem também o dever de se posicionar como orientador, ampliando o mundo do outro através de seu trabalho.

A Arquitetura se mostra tradutora de significados, comprovadamente na História, como marca reveladora das visões particulares do mundo, além da postura responsável que existe com o lugar, com a pessoa e com os desejos que ali habitam.

Herman Hertzberger (1991) defende a arquitetura como capaz de acomodar todas as diversas situações que afetam a maneira como um edifício é entendido e usado. Ele relata os usos, as diversas condições mutáveis do tempo e seus fenômenos para salientar a posição do arquiteto diante da concepção arquitetônica:

“O arquiteto deve levar em conta todos esses diversos tipos de usos, assim como os sentimentos e os desejos dos vários tipos de pessoas, cada uma com seu padrão específico de expectativas, suas próprias possibilidades e restrições. O projeto definitivo deve estar harmonizado com todos os dados intelectuais e emocionais que o arquiteto possa imaginar, e deve relacionar-se com todas as percepções sensoriais do espaço”. (Hertzberger, 1991, p.229)

As percepções a que Hertzberger se refere consistem não apenas naquilo que vemos, como também no que ouvimos, sentimos, e até mesmo cheiramos – assim como nas associações que despertam.

Assim, a Arquitetura deve mostrar o que não é realmente visível e despertar associações não conscientes anteriormente para que seja capaz de incorporar

diferentes níveis de realidade individual encontradas nos desejos escondidos de cada cliente / usuário.

Se o arquiteto conseguir refletir no projeto arquitetônico sobre todas estas percepções e desejos, então o ambiente criado poderá mostrar estas realidades e dizer algo sobre “o mundo” aos usuários.

### 3.2.2 Abordagem Interpretativa: modelagem do desejo

A Arquitetura se faz pela re-significação do real e pela instituição de um mundo histórico-cultural em que a humanidade vê definidas de modo original as características portantes de sua experiência de mundo.

A compreensão da obra arquitetônica consiste em promover a desfundamentação e abertura do mundo, vivendo a temporalidade e possibilitando o diálogo entre pensamento e poesia.

“O projeto é entendido como enunciação de uma idéia ou a metáfora de uma imagem. [...] Tal como a obra de arte transmuta o real para colocá-lo em forma e conferir-lhe sentido, como aponta Gadamer em *Verdade e Método* , também o projeto *transmuta* a idéia e a obra *transmuta* o projeto quando este vem a ser matéria edificada disposta ao público”. (Brandão, 2001, p.4)

A Arquitetura portanto, não se define enquanto idéia ou projeto, mas enquanto obra construída acrescida de sentido, matéria e finitude histórica da existência do usuário que habita ( enquanto privado) ou é acolhido por ela e a compreende (quando público).

Esse transmutar – descongestionamento do real e sua transferência para o plano significativo – é tarefa do arquiteto, que através da interpretação do desejo, da compreensão da alma do outro, aliado à consciência da inserção histórica, ética e existencial de seu produto no mundo, é capaz de conferir o sentido exato à obra e transformá-la em produto da comunhão de horizontes entre o intérprete (arquiteto) e o interpretado (cliente / usuário).

É importante que o arquiteto (intérprete) consiga mover-se no seu interior, reconhecer seus preconceitos, abandonar qualquer pretensão e compreender o sentido sabendo-o histórico, contextualizado e aberto a outras verdades que podem ser produzidas. O ato interpretativo funde explicação e compreensão, faces objetiva e subjetiva do sentido simultaneamente.

A expressão do ser humano e suas necessidades se revela pela visão individual do mundo. Cada pessoa é absolutamente original; vê o mundo de forma particular, e pelo seu filtro pessoal, o recicla e o expressa como desejo.

Objetivamente, a expectativa do trabalho do arquiteto é saber questionar, interpretar e modelar o desejo do cliente / usuário, suas aspirações e reais necessidades, sem afastar-se da sua realidade, seus vínculos sócio-culturais, sua disponibilidade financeira e influências ambientais locais. A proposta final deve ser viável, tanto na sua execução quanto na sua utilização, buscando a harmonia entre beleza, técnica e funcionalidade.

Para ilustrar o objetivo de interpretação e modelagem do desejo frente à visão particular e única de cada cliente / usuário, segue-se um exemplo citado por Carsalade em seu livro *Arquitetura: Interfaces* (2001, p.33), em que mostra a carta de Sônia Viegas – filósofa – ao arquiteto Humberto Serpa – arquiteto escolhido para projetar sua residência:

*“Caro Humberto,*

*Como dar forma espacial a um sonho quando não se é, como você, um poeta do espaço? Vou tentar esboçar um universo fragmentado de qualidades e desejos, na esperança de que você o imprima e unifique na pedra, na terra, na distância precisa entre uma janela e uma porta, uma parede e uma escada, um patamar e um vão que ergue das sombras, a recortar, de dentro, o céu. No esforço para revelar a intimidade de uma casa imaginada, percebo que meu sonho não possui ao menos um contorno definido. Eis o que acontece aos sonhos habitados. Não lhes percebe a forma, pois apresentam a mutabilidade de nossos estados de espírito.*

*De imediato, a casa se me afigura apenas como um forte (e talvez excessivamente romântico) desejo de paisagem. Existem habitações que dão para lindas vistas, mas minha exigência de paisagem não se resolveria dessa forma, pois demanda a integração entre a intimidade da casa e o ambiente exterior, conluio do dentro e do fora, à mercê do vento, da luz, da sombra e do som.*

*A paisagem seria, então, através do pórtico mineral por você arquitetado, a solene vista da mata e das montanhas (onde imagino e desejo o percurso inteiro do sol), mas, também:*

*O ângulo de uma fresta de luz morrendo no crepúsculo, à soleira de uma porta; a sombra de uma casuarina através da janela; o vermelho da terra contra*

*a força do muro, semi-coberto (já) de alguma hera; o movimento da lua através de seus ciclos, pressentido ou devassado durante vigília, no jardim.*

*Se tento, agora, imaginar os espaços interiores desta casa que me habita em sonho, vejo:*

*uma ampla cozinha, que recebe de cheio as inflexões do dia e da noite. Nessa cozinha-concha, receberei amigos e netos, passarei momentos raros, saturados de vinho e vigília, acessível aos rumores da noite, protegidos pela nudez das paredes, pelo brilho do fogo, na crepitação da lenha;*

*quartos quentes, iluminados pelo sol, com pequenas varandas dando para o recorte interno do céu. Num deles repetirei o apelo a Garcia Lorca: ‘Quando eu morrer, deixai a janela aberta’;*

*uma sala feita de patamares interrompidos pelo verde, pela pedra, pelo musgo; com sua mágica abertura para o céu, entrecortada de sombras e reflexos.*

*Uma casa, como você pode ver, já incorporada na primeira forma que você lhe deu.*

*Um abraço afetuoso,*

*Sônia.”*

À medida que Sônia fala poeticamente sobre “estar no mundo”, torna-se possível para o arquiteto interpretar seus sonhos e desejos. Através da Poesia, consegue-se expressar toda a subjetividade, visão pessoal e portanto única de um mundo compartilhado.

Segundo Carsalade, Poesia é revelação. “Ela toca diretamente a alma, desvelando um mundo além da percepção corriqueira, abrindo e alargando a consciência, mostrando uma nova realidade (...) E, grande riqueza, a Poesia exerce a sua força deslocadora e

doadora de sentido em diversas linguagens e formas, sejam escritas, musicais ou arquitetônicas”. (2001, p.19).

Porém, nem todos os clientes / usuários conseguem externar seus desejos poeticamente, sendo necessário a utilização de outros artifícios para a interpretação. Carsalade demonstra aspectos operacionais na relação que faz entre Arquitetura e Psicologia, servindo como base para utilização destes mecanismos e instrumentos na abordagem interpretativa do desejo na Arquitetura.

“A linguagem é utilizada em grande parte da literatura especializada como a grande chave de acesso ao inconsciente e de informação sobre ele.” (2001, p.71)

“A topologia trabalha com as relações espaciais. Não apenas com as relações entre dois lugares, mas também com as relações entre a nossa geografia mental e a real. Do ponto de vista psicológico, poderíamos dizer que a articulação topológica da Arquitetura se faz através da organização de elementos através dos quais se originam os significados...” (2001, p.73)

“A metáfora como substituição de uma “imagem” por outra em virtude da semelhança subentendida, é muitas vezes a forma que temos de tornar concreto um significado inatingível que escapa às diversas tentativas de formalização. A Arquitetura é fonte inesgotável de metáforas”. (2001, p.73).

“A memória nos traz uma experiência espacial que nunca vem desvinculada da respectiva carga emocional. Lembrar de um lugar é lembrar dos sentimentos a ele associados (...) É a memória importante instrumento de acesso ao

inconsciente e aos nossos desejos por esta forma amalgamada de trazer à tona espaços fortemente emocionalizados...” (2001, p.73)

Assim, torna-se essencial que o arquiteto promova associações variáveis juntamente ao cliente / usuário, para que seja possível interpretar o desejo, as necessidades, os sonhos e os sentimentos de cada um. Herman Hertzberger sugere:

“Oferecer “incentivos” que despertem associações nos usuários, que, por sua vez, conduzam a ajustamentos específicos adequados a situações específicas, pressupõe – não obstante o deslocamento da ênfase – um projeto mais elaborado, baseado num programa de requisitos mais detalhados e mais sutil. A razão para criar incentivos é elevar o potencial inerente ao máximo. Em outras palavras: colocar mais em menos, ou tirar menos do que se pode tirar mais. Pode-se dizer que para cada situação aplica-se o seguinte: incentivo + associação = interpretação”. (1991, p.169)

Desta forma, o arquiteto deve saber até onde pode ir, refletir sobre seus preconceitos e imposições ao dar lugar à interpretação, criando espaços e deixando espaços, nas proporções adequadas e com o equilíbrio adequado.

#### **4. A EDUCAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

## 4.1 Psicologia e Filosofia na Formação do Arquiteto

“Pretendo aqui, promover a arquitetura enquanto instrumento fundamental para a construção, mais do que de edifícios e cidades, de “uma vida melhor e mais feliz”, *bene beateque vivendum*, como diziam os arquitetos do Renascimento italiano”. (Brandão, 1998, p.01).

Segundo Brandão (1998), afirmar ser a Arquitetura instrumento para a construção de uma “vida melhor e mais feliz” é o lema de um combate aguerrido e contemporâneo que tem como propósito restituir à profissão seu sentido social, seu significado poético e valência ética, tomando como conteúdo disciplinar mais importante a ser desenvolvido por um curso de arquitetura”.

De acordo com Hertzberger (1991) a arquitetura não pode ser outra coisa senão o interesse pela vida cotidiana. O essencial é que, onde quer que se organize o espaço e de que maneira, ele terá inevitavelmente certo grau de influência sobre a vida das pessoas. Toda intervenção nos ambientes das pessoas, seja qual for o objetivo específico do arquiteto, tem uma implicação existencial.

“Assim, na verdade, não somos livres para ir em frente e projetar exatamente o que nos agrada – tudo o que fazemos traz conseqüências para as pessoas e para seus relacionamentos”. (Hertzberger, 1991, p.174)

Tudo o que o arquiteto faz ou deixa de fazer influencia, intencionalmente ou não, as formas mais elementares das relações sociais. Hertzberger confirma:

“Ignorar este potencial da arquitetura equivale a limitar a liberdade dos moradores. Contudo, é possível entender, em certo sentido, a aversão de muitos arquitetos a abordagens sociológicas e psicológicas (...) O ajustamento a fatores sociológicos e psicológicos inevitáveis nunca foi uma preocupação primordial para a arquitetura”. (1991, p.214).

Voltando à história, tem-se a arquitetura como responsável pela produção da habitação do homem, porém o homem está sendo esquecido. Habitar perdeu o significado de ter uma propriedade e imprimir nela sua identidade. As escolhas de utilização estão condicionadas. Segundo Velloso (2000), os arquitetos oferecem hoje aos clientes / usuários sempre mais do mesmo: “tradição, preconceitos, limitações”, limiares seguros de ações voltados ao que já está estabelecido.

Brandão coloca a arquitetura como promotora desta identidade e responsável assim, pela formação da sociedade:

“Pois um projeto só é de arche-tectura se for também um projeto de poesia, ou seja, nos falar algo a respeito de nós e nosso tempo presente, da maneira pela qual vemos o universo simbólico e físico que nos cerca, do Absoluto diante do qual se depõem a nossa vida e a nossa existência. Um projeto deve começar tendo o que falar sobre uma dessas coisas e para isso seu arquiteto tem que, antes de saber desenhar, construir ou saber mexer no computador, ser poeta, ter o que dizer. (...) A Arquitetura é uma das maneiras de não permanecermos como “mortos insepultos”. E isso exige mais trabalho do que inspiração, mais poesia do que técnica de computação”. (1998, p.04).

Tendo suporte teórico adequado para este fim através da psicologia e filosofia, o arquiteto vem construir para o habitante um mundo de significados possíveis e inesgotáveis, encontrar a origem do poema arquitetônico, fazendo com que a inspiração, aliada à interpretação do desejo, à compreensão reveladora da alma, se torne meio de expressão.

Tomando a casa como exemplo para uma Arquitetura real, onde existe um cliente / usuário específico que busca uma forma de comunicação com seus sonhos e desejos:

“O lugar que abriga, como diz Drummond, todos os nossos pecados cometidos ou em vias de cometer. Sua geometria não é feita de formas e dimensões físicas: é uma geometria de ecos da memória e da imaginação, ressoando nos cantos, nos móveis, no telhado, nos espelhos, nos retratos, no seu bater de portas, no seu vento encanado. Centro de primitividade e gerador de sonhos, a casa tem perdido seu lugar e significado simbólico. Já não a entendemos como a expansão do ser do habitante, mas como a errância de formas e volumes, tensões e profusões que o arquiteto sonha sobre a prancheta. Mas quem deve sonhar é quem habita e não quem projeta. Projetar uma casa é projetar o abrigo do sonhador, é fornecer a eles as portas e as janelas através das quais ele penetra e habita – mais do que cômodos e espaços físicos – a sua história, as suas esperanças, a sua vida. É talvez, chegada a hora de abandonar a noção de fazer casas no estilo moderno, ou de fazenda, ou neocolonial, ou *mediterraneé*, ou deste ou daquele arquiteto, ou o que quer que seja. Só existe um estilo: o *habitus* do morador e é este o que nós, arquitetos, devemos encontrar”.

(Brandão, 1998, p.05)

A arquitetura ensinada deve ser também vivenciada como espaços onde se habita e se convive com os outros e consigo próprio, espaços desenvolvidos para abrigar o cliente / usuário num universo próprio, servir alguém e ter um compromisso ético com sua arte.

A psicologia e a filosofia no ensino da Arquitetura entram como suporte teórico para que os alunos sejam capazes de conceber projetos arquitetônicos dentro de padrões éticos e humanos, formando a base para combater uma arquitetura fechada em si mesma.

## **4.2 O Ensino da Arquitetura dentro das Universidades**

Refletindo a demanda crescente da sociedade por arquitetos e urbanistas e a política atual do Ministério da Educação – MEC de ampliar o número de matrículas do ensino superior, a área de arquitetura e urbanismo vem crescendo significativamente – segundo dados da ABEA – contando atualmente com aproximadamente 40.000 alunos e cerca de 5.000 docentes.

Do total de cursos em funcionamento, 85 deles já estão reconhecidos pelo MEC e são responsáveis pela educação de cerca de 4.000 profissionais arquitetos e urbanistas que ingressam, por ano, no diversificado mercado de trabalho brasileiro.

O exercício profissional do arquiteto e urbanista no Brasil é regulamentado por lei, sendo sua habilitação única, ou seja, não existem modalidades na profissão. Do ponto de vista legal (Lei 5194/66, Resolução 218/73 e Decisão Normativa 47/92 do CONFEA), compete ao arquiteto e urbanista o exercício das atividades – supervisão, orientação técnica, coordenação, planejamento, projetos, especificações, direção, execução de obras, ensino, acessoria, consultoria, vistoria, perícia, avaliação – referentes a construções, conjuntos arquitetônicos e monumentos, arquitetura de interiores, urbanismo, planejamento físico, urbano e regional, desenvolvimento urbano e regional, paisagismo e trânsito.

Um espectro bastante amplo exige da formação profissional um esforço capaz de qualificar o arquiteto e urbanista na abrangência de suas competências legais, com o aprofundamento indispensável para que possa assumir as responsabilidades nelas contidas.

A educação do arquiteto e urbanista está assegurada por um ensino de nível universitário que deve manter o equilíbrio entre os aspectos teóricos e práticos, compreendendo partes distintas que constituem campos do conhecimento variados.

Sua formação envolve conhecimentos nas áreas de estudos sociais e ambientais, estética, teoria, história das artes e arquitetura, desenho e outros meios de representação e expressão.

Segundo dados do IX CONABEA (1999), a organização do curso se dá pela definição de mecanismos estruturados – currículo, pedagogia e avaliação. O currículo define os conteúdos que serão trabalhados ao longo do curso. A pedagogia define a forma de transmissão desses conteúdos, por exemplo, por seu sequenciamento ao longo do curso (período, pré e co-requisitos) e da integração horizontal (mesmo período seqüencial) e vertical (diferentes períodos seqüenciais) das disciplinas. A avaliação do aluno se dá pela aferição dos resultados obtidos frente aos objetivos estabelecidos preliminarmente.

Do ponto de vista do currículo, as disciplinas, comumente identificadas como teóricas, tem uma estrutura curricular de coleção, ou seja, elas apresentam currículos fortemente classificados, já que seus conteúdos são precisamente delimitados e estão reunidas em áreas de conhecimento bem delimitadas, tais como, história ou tecnologia.

Por outro lado, as disciplinas de projeto são consideradas como disciplinas de integração, já que elas não apresentam um conteúdo específico, de forte classificação. (Bernstein, 1977).

As disciplinas de currículo de coleção fornecem os procedimentos e práticas de integração necessárias à aquisição de habilidades específicas. As disciplinas de projeto tem por objetivo integrar, por meio do desenvolvimento de exercícios projetuais, os diversos conteúdos componentes do currículo, como a história da arquitetura e do urbanismo, as técnicas construtivas, o controle do ambiente, a composição da forma, a configuração espacial, técnicas de representação, etc., ou seja, essas são sempre permeadas pelos conteúdos do currículo de coleção.

Desta forma, uma abordagem psico-filosófica e social estaria diretamente ligada a uma disciplina de currículo de coleção – suporte teórico – visto ter como objetivo adquirir conhecimento específico para posterior integração e utilização nas disciplinas de projeto – concepção do projeto arquitetônico.

A partir portanto dos dados apontados, e tendo como base o artigo 3º da Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (anexo 01 - cd), vigente a partir de 14 de junho de 1999, a abordagem psico-filosófica e social acima citada se mostra inserida no “espectro de necessidades, aspirações e expectativas individuais e coletivas quanto ao ambiente construído”.

“Art.3º – A educação do arquiteto e urbanista deve garantir uma relação estreita e concomitante entre teoria e prática e dotar o profissional de conhecimentos e habilidades requeridos para o exercício profissional competente, a saber:

a) o conhecimento dos aspectos antropológicos, sociológicos e econômicos relevantes e de todo o espectro de necessidades, aspirações e expectativas individuais e coletivas quanto ao ambiente construído; (Art.3º, 1999)

Relevante também o artigo 2º (anexo 01 - cd), referente ao princípio observado quanto à qualidade de vida dos habitantes:

“Art. 2º – O ensino de graduação em Arquitetura e Urbanismo tem por objetivo a capacitação profissional em habilitação única e é ministrado em observância dos seguintes princípios:

a) a qualidade de vida dos habitantes dos assentamentos humanos e a qualidade material do ambiente construído e sua durabilidade; (Art.2º, 1999)

Diante disto, foi pesquisado nas Escolas de Arquitetura de Minas Gerais a existência desta abordagem psico-filosófica e / ou social nos currículos regulares aplicados. A partir da análise no ementário destas Escolas, foram selecionadas as disciplinas teóricas que abordavam em suas ementas qualquer tipo de relação humana.

Com base nesta pré-seleção, ao grupo de disciplinas selecionadas foi aplicado um questionário único, verificando a existência de abordagens que buscam o estudo da relação humana interpessoal cliente / usuário / arquiteto e especificamente em psicologia e sua relação com a interpretação do desejo.

### **4.3 Universidades de Minas Gerais**

O estado de Minas Gerais conta atualmente – pesquisa realizada em junho de 2002 - com treze Escolas que disponibilizam cursos de Arquitetura e Urbanismo, sendo que 03 deles estão em fase de implantação, e por esta razão não participaram da pesquisa.

São eles :

- Centro Universitário do Leste de Minas Gerais / UNILESTE
- Universidade de Itaúna / FARQ
- UNI – BH

As outras dez Escolas estão listadas a seguir, com as disciplinas e ementas selecionadas para posterior análise. Naquelas que se encontram em fase de reformulação de grade curricular também não participaram desta pesquisa, visto que não estaria retratando a realidade destas instituições.

As ementas foram selecionadas – junho de 2002 - pelo critério de averiguação das abordagens dos conteúdos discriminados, tendo como ponto de partida sua inserção no grupo de disciplinas teóricas. Àquelas que suscitaram qualquer tipo de enfoque a partir da relação humana e suas variáveis, foram destacadas as palavras chave que demonstram a relevância de sua seleção.

As ementas de todas as Escolas mencionadas na pesquisa encontram-se em anexo (03 ao 09 - cd).

#### 4.3.1 Faculdades Metodistas Izabella Hendrix / FAMIH

Disciplinas selecionadas:

- Estudos Sociais e Ambientais I

Ementa: Conceitos fundamentais de arquitetura e urbanismo, sempre referidos ao meio ambiente físico e social. Conceitos de meio ambiente natural: a terra, o clima, a geografia. A experiência do espaço arquitetônico e urbanístico: a casa, a

rua, a cidade. Espaço urbano e espaço rural. A cidade e seu surgimento. Pobreza urbana e violência urbana. Introdução às nomenclaturas do urbanismo moderno. Função, técnica e estética na cidade. Introdução à cartografia.

Palavras chave: experiência do espaço, meio ambiente social.

- Estudos Sociais e Ambientais II

Ementa: Fatos sociais e ambientais correlacionados com arquitetura e urbanismo. Relação entre os meios natural e cultural. Regionalismos e costumes locais. Processo de conhecimento da realidade em planejamento urbano. Metodologia de pesquisa, coletas de dados, análises e sínteses. Estrutura morfológica dos fatos urbanos construídos. Tipologia dos fatos urbanos. Imagem e paisagem urbana.

Palavras Chave: fatos sociais correlacionados.

#### 4.3.2 Faculdades de Engenharia e Arquitetura da FUMEC

Disciplinas selecionadas:

- Sociologia

Ementa: A Sociologia como Ciência Social, Conceitos Fundamentais, Sociologia da Sociedade Brasileira, Sociologia Urbana.

Palavras Chave: ciência social.

- Prática Profissional

Ementa: A Arquitetura de edificação: o projeto executivo, a coordenação / compatibilização dos projetos complementares. Arquitetura sob o prisma de adequação de produto ao mercado. A Arquitetura voltada para a habitação de interesse social: aspectos da concepção do projeto, da produção e do financiamento habitacional. Arquitetura e meio-ambiente / conforto ambiental. Arquitetura e paisagismo. Arquitetura de interiores. Arquitetura e legislação urbana. Arquitetura especializada: industrial, hospitalar, rural e outras. As

entidades de fomento, regulamentação, fiscalização do exercício profissional: CONFEA / CREA, Instituto dos Arquitetos, Sindicatos.

Palavras Chave: adequação ao mercado, interesse social, concepção do projeto.

- Relações Humanas I

Ementa: Mobilização para excelência profissional. Cenários Nacional e Internacional: Impactos no universo empresarial: equipes de alto desempenho. O indivíduo no trabalho.

Palavras Chave: relações humanas, indivíduo, trabalho.

- Relações Humanas II

Ementa: Conscientização da importância da multi-disciplinaridade nos projetos arquitetônicos e urbanísticos.

Palavras Chave: relações humanas, multi-disciplinaridade.

#### 4.3.3 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / PUC-MG

- Unidade Belo Horizonte e Poços de Caldas

Disciplinas selecionadas:

- Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo

Ementa: Os sistemas econômicos e sócio-culturais na produção arquitetônica e no desenvolvimento urbano. Conceito e teorias. O processo perceptivo na Arquitetura e Urbanismo. Criatividade e inovação no planejamento arquitetônico e urbanístico: condições favoráveis e limitações. O arquiteto e sua função social.

Palavras Chave: processo perceptivo, função social.

- Filosofia I

Ementa: Origem e originalidade da Filosofia. O saber mítico. O conhecimento científico. A Filosofia e as artes.

Palavras Chave: filosofia.

- Filosofia II

Ementa: Arquitetura e Urbanismo e sua participação no processo social. Causas, conseqüências, intervenções e possibilidades da atividade do profissional da Arquitetura e do Urbanismo no campo social.

Palavras Chave: processo social, atividade profissional.

- Teoria da Arquitetura I

Ementa: Análise básica de obra da Arquitetura: aspectos institucionais, estruturais, formais, e pós-ocupacionais. A concepção, a produção e conhecimento do espaço arquitetônico: teorias e poéticas. A participação da Arquitetura no processo cultural e as suas relações com os condicionantes humanos e da natureza.

Palavras Chave: concepção, poéticas, processo cultural, condicionantes humanos.

- Sociologia

Ementa: Introdução à sociologia, conceitos sociológicos básicos, introdução às questões urbanas gerais: espaço, estratificação, poder, planejamento e modos de vida urbana.

Palavras Chave: sociologia, conceitos sociológicos, modos de vida.

- Ética e Atuação Profissional

Ementa: Ética e atuação profissional. Regulamentação profissional. Formas de organização e representação dos arquitetos urbanistas. Formas de contratação, propostas e honorários profissionais. Organização do campo de trabalho e áreas de atuação. Noções de Direito Urbanístico e Ambiental.

Palavras Chave: atuação profissional.

#### 4.3.4 Universidade de Uberaba / UNIUBE

Esta universidade se encontra em fase de reformulação e implantação de um novo currículo, impossibilitando desta forma sua análise.

#### 4.3.5 Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF

Disciplinas selecionadas:

- Teoria da Arquitetura e Urbanismo I

Ementa: Arquitetura e Teoria. O projeto de arquitetura. Análise morfológica em Arquitetura.

Palavras Chave: análise morfológica.

- Teoria da Arquitetura e Urbanismo II

Ementa: Teoria do Urbanismo. Imagem da cidade. Morfologia, percepção e simbologia do espaço urbano.

Palavras Chave: morfologia, percepção, simbologia.

- Estudos Sociais e Ambientais

Ementa: Contribuições das ciências sociais a Arquitetura e Urbanismo. Fatores econômicos, sociais e políticos do Brasil, nos aspectos vinculados a arquitetura e urbanismo. Conhecimento das metodologias de pesquisa.

Palavras Chave: ciências sociais, fatores sociais.

#### 4.3.6 Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG

Disciplinas selecionadas:

- Arquitetura e Saber

Ementa: Reflexão sobre a relação entre a Arquitetura e os diversos saberes. Análise de estudos de autores modernos e contemporâneos. Reflexão sobre o processo criativo e de pesquisa em Arquitetura.

Palavras Chave: relação, diversos saberes, processo criativo.

- Seminário de Legislação e Prática Profissional

Ementa: Atribuições profissionais; Ética e relações no trabalho. Direitos Autorais.

Legislação Profissional

Palavras Chave: relações no trabalho.

#### 4.3.7 Universidade Federal de Uberlândia / UFU

Disciplinas selecionadas:

- Semiótica aplicada à Arquitetura

Ementa: Introdução à semiótica. Linguagens não-verbais. Semantização espacial.

Palavras Chave: semiótica, linguagens, semantização espacial.

- Prática Profissional

Ementa: A relação do arquiteto com a sociedade, na profissão, no desenvolvimento e gerenciamento de empresas e no desenvolvimento de projetos.

Palavras Chave: relação, sociedade, profissão.

#### 4.3.8 Universidade Federal de Viçosa / UFV

Disciplina selecionada:

- Ética e Prática Profissional

Ementa: Ética profissional. Direito autoral e Arquitetura. Atuação no mercado. O arquiteto e o público. Código de defesa e proteção do consumidor. Marketing de serviços de arquitetura. Exercício profissional do arquiteto através do CREA. Organização do escritório de Arquitetura.

Palavras Chave: atuação, mercado, público.

#### 4.3.9 Centro Universitário do Triângulo / UNIT

Esta universidade se encontra em fase de reformulação e implantação de um novo currículo, impossibilitando desta forma sua análise.

### **4.4 Análise do Quadro Existente**

Apresenta-se a seguir, o método utilizado para pesquisa de campo e as considerações gerais sobre os resultados.

#### 4.4.1 Metodologia da Pesquisa de Campo

##### 4.4.1.1 Natureza da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de natureza documental, em que são analisados os currículos regulares, disciplinas obrigatórias e seus conteúdos das Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais.

#### 4.4.1.2 Amostragem

Para realização do estudo de campo, foi apresentado um questionário – anexo 02 / cd - ao professor responsável de cada disciplina selecionada, sendo que todos os questionários foram aplicados pela autora pessoalmente.

#### 4.4.1.3 Coleta de dados

O questionário (anexo 02 - cd) foi o meio escolhido por permitir respostas objetivas, esclarecendo mais precisamente o significado da resposta e possibilitando a abordagem dos assuntos presentes nas disciplinas sem trazer desconforto aos respondentes.

#### 4.4.1.4 Organização do questionário

No que diz respeito à formulação do questionário, foram estruturadas questões fechadas tipo múltipla escolha para se obter informações quantitativas seguidas de comentários que permitiram afirmar a veracidade das informações, além de confirmar a validade da pesquisa.

Para buscar um maior nível de cooperação e autenticidade dos respondentes, foram resguardadas sua identificação pessoal.

Vale ressaltar que foram de extrema importância entrevistas feitas com professores, coordenadores e diretores das instituições para que a pesquisa evoluísse, buscando alcançar maior fundamentação e apoio na proposta.

#### 4.4.2 Resultados da Pesquisa de Campo

A pesquisa se divide em duas etapas:

- 1º etapa: a relação cliente / usuário X ambiente, abrangendo a questão fenomenológica, a investigação dos fenômenos existenciais e as dimensões comportamentais. (ver modelo de questionário no anexo 02 - cd).
- 2º etapa: abordagem da relação cliente / usuário X arquiteto, em que se questiona relação humana e a interpretação do desejo com suporte na psicologia. (ver modelo de questionário no anexo 02 - cd).

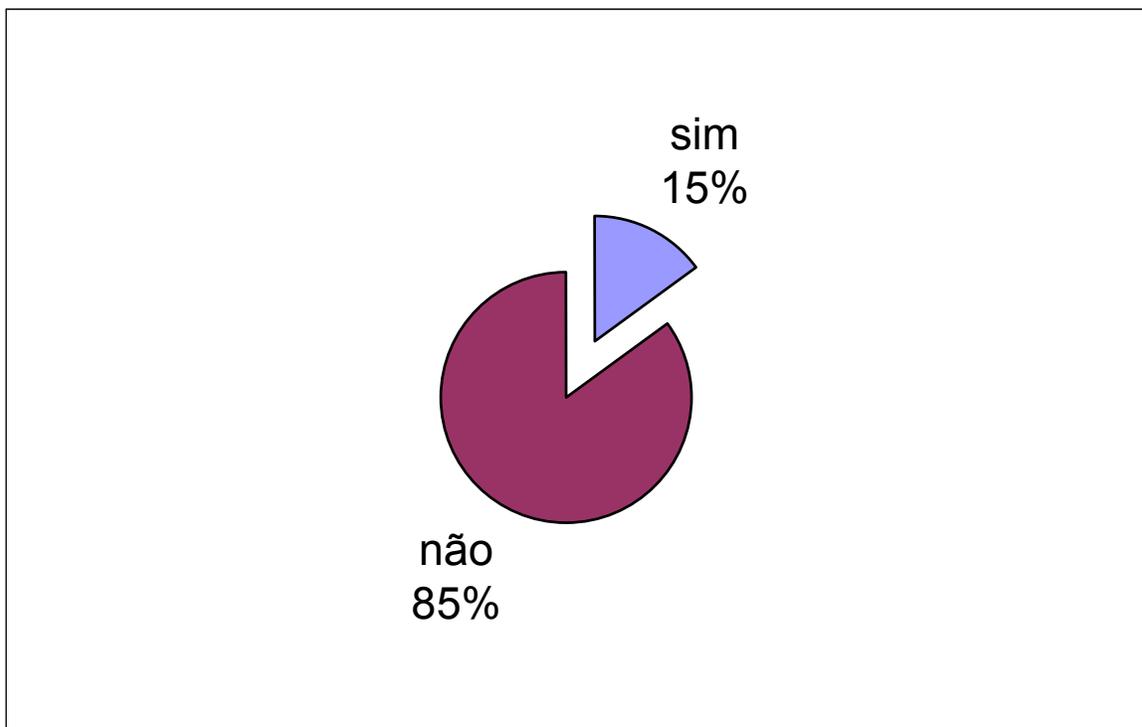
Partindo das questões abordadas no questionário e suas respostas, tem-se na primeira etapa da pesquisa resultados que demonstram a ausência de um conteúdo específico nas disciplinas teóricas que venham trazer ao aluno embasamento psico-filosófico e social para a prática projetual.

Seguindo a ordem proposta no questionário, tem-se como primeiro assunto abordado o questionamento da abordagem fenomenológica na disciplina como ponto de partida para compreensão da relação estabelecida entre ser humano e espaço arquitetural.

Em busca de uma resposta para a pergunta “Para que é isto?” a abordagem fenomenológica traz uma reflexão em torno do propósito do objeto, sendo de fundamental importância para o desenvolvimento teórico e prático do aluno.

O gráfico 01 revela o resultado da primeira pergunta feita no questionário, onde de acordo com o conteúdo aplicado na disciplina selecionada, questiona-se a utilização da abordagem fenomenológica.

GRÁFICO 01 - ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA



De acordo com o resultado da pesquisa, o gráfico 01 demonstra que dentre os pesquisados, 15% de professores responderam “sim”, sendo que 33% destes utilizam esta abordagem apenas indiretamente e ou superficialmente.

Ainda dentro das questões que abordam a relação cliente / usuário X ambiente, foi questionado aos entrevistados a existência de algum tipo de investigação da qualidade dos edifícios sob o ponto de vista de sua habitabilidade, segundo fenômenos existenciais – interior / exterior, visibilidade, apropriação – já abordados nesta dissertação (cap. 02).

As respostas se encontram nos gráficos 02, 03 e 04, que se seguem:

GRÁFICO 02 – INTERIOR / EXTERIOR

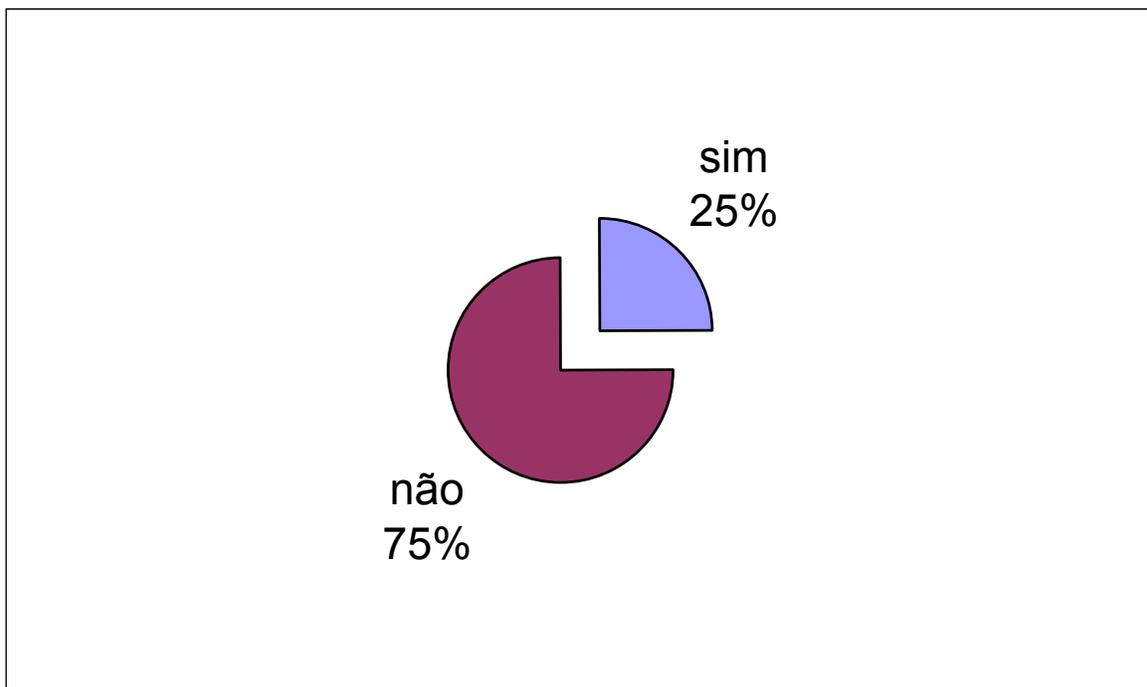


GRÁFICO 03 – VISIBILIDADE

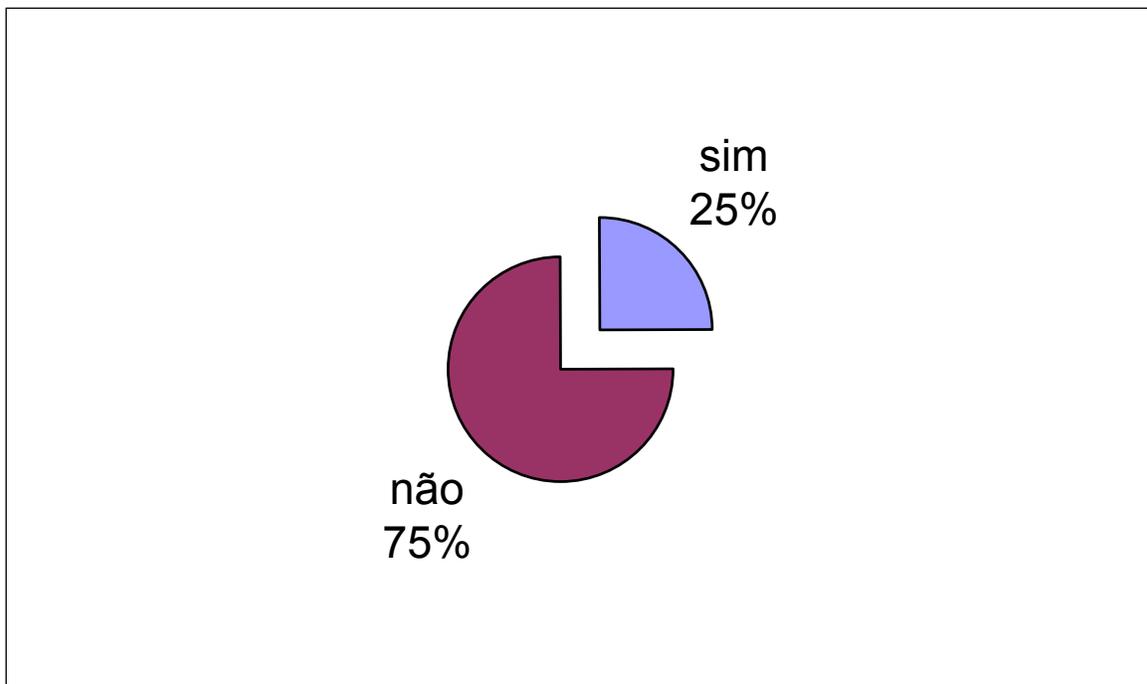
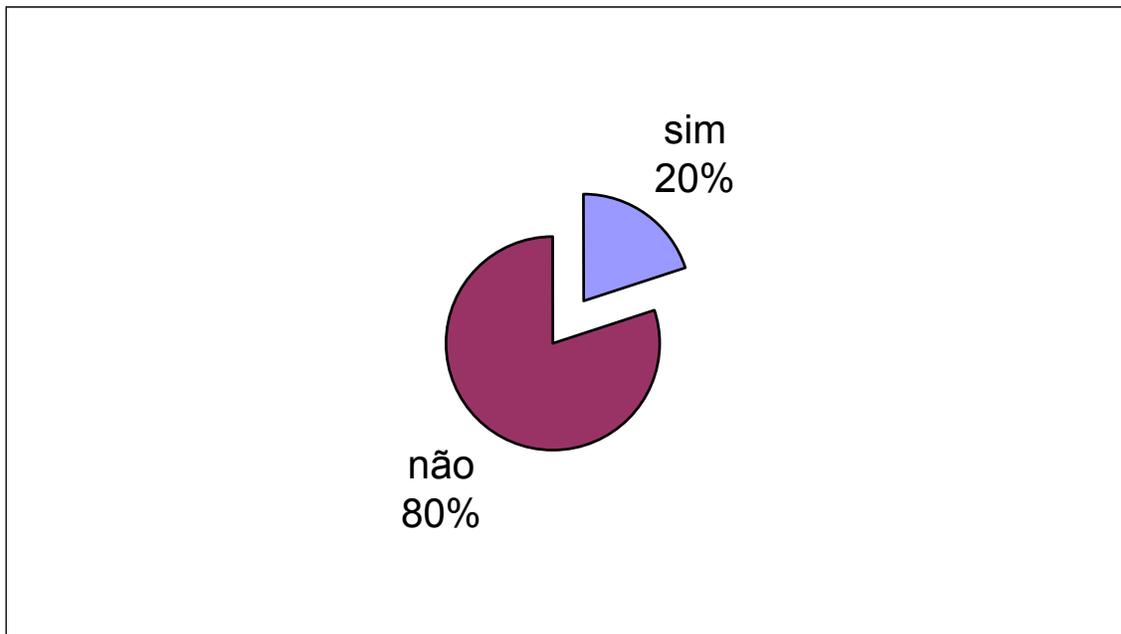


GRÁFICO 04 – APROPRIAÇÃO



Os gráficos 02, 03 e 04 demonstram uma minoria que aborda a análise dos fenômenos existenciais em torno da habitabilidade, assim como suas características fundamentais.

Sua importância se dá ao examinar o modo como a relação com o objeto arquitetônico é experimentada pelo cliente / usuário, levando o aluno a obter conteúdo teórico / crítico para fazer projetos melhores e mais adequados ao usuário específico.

Avaliando as disciplinas que abordam estes fenômenos, há ainda aquelas que não enfocam este conteúdo direta e especificamente:

- Interior / Exterior: dentre os 25% que responderam “sim” – 20% abordam o assunto indiretamente e ou superficialmente.
- Visibilidade: dentre os 25% que responderam “sim” – 20% abordam o assunto indiretamente e ou superficialmente.

- Apropriação: dentre os 20% que responderam “sim” – 25% abordam o assunto indiretamente e ou superficialmente.

Finalizando a primeira parte da pesquisa, foi questionado aos entrevistados a utilização de uma abordagem reflexiva sobre a representatividade dos elementos arquitetônicos em relação às dimensões comportamentais do usuário – territorialidade, privacidade, identidade e ambiência.

Como resultado, pode-se observar nos gráficos 05, 06, 07 e 08 a existência desta abordagem em aproximadamente metade das disciplinas questionadas.

GRÁFICO 05 – TERRITORIALIDADE

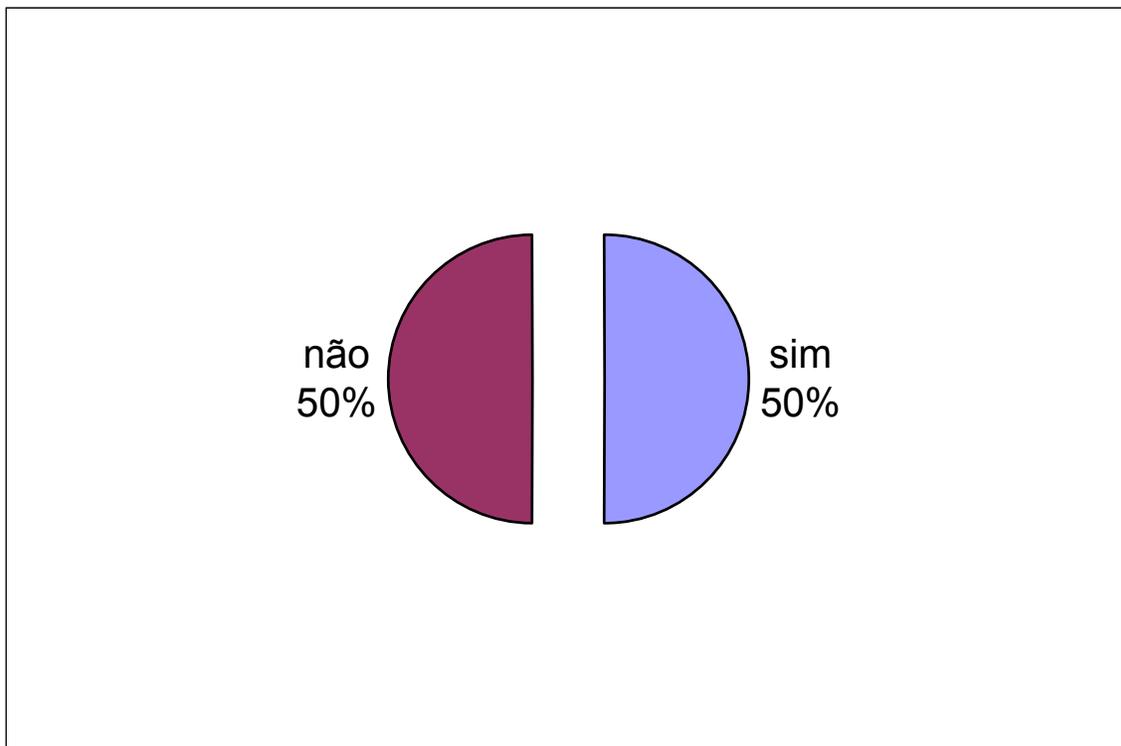


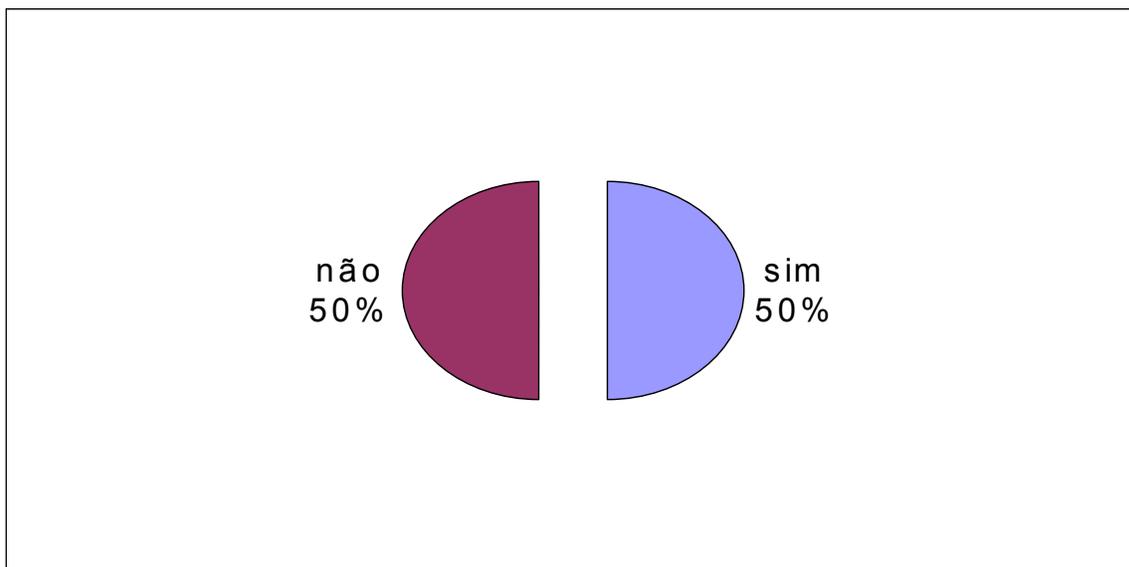
GRÁFICO 06 – PRIVACIDADE



GRÁFICO 07 – IDENTIDADE



GRÁFICO 08 – AMBIÊNCIA



Porém, apesar de 50% das disciplinas abordarem as dimensões comportamentais citadas, um percentual considerável delas não enfoca o assunto específica e diretamente, como mostram os gráficos 09 e 10.

GRÁFICO 09 – TERRITORIALIDADE, PRIVACIDADE E AMBIÊNCIA

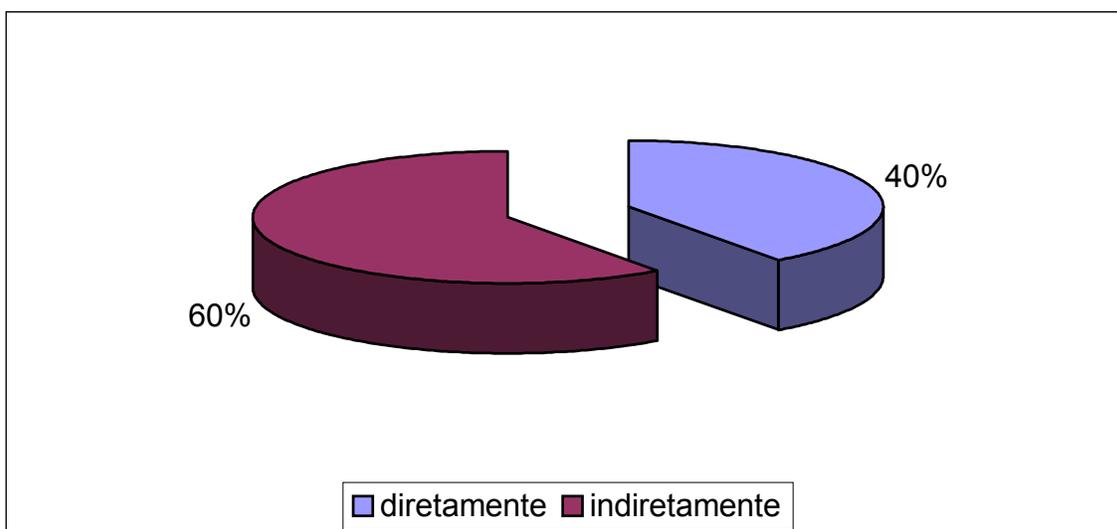
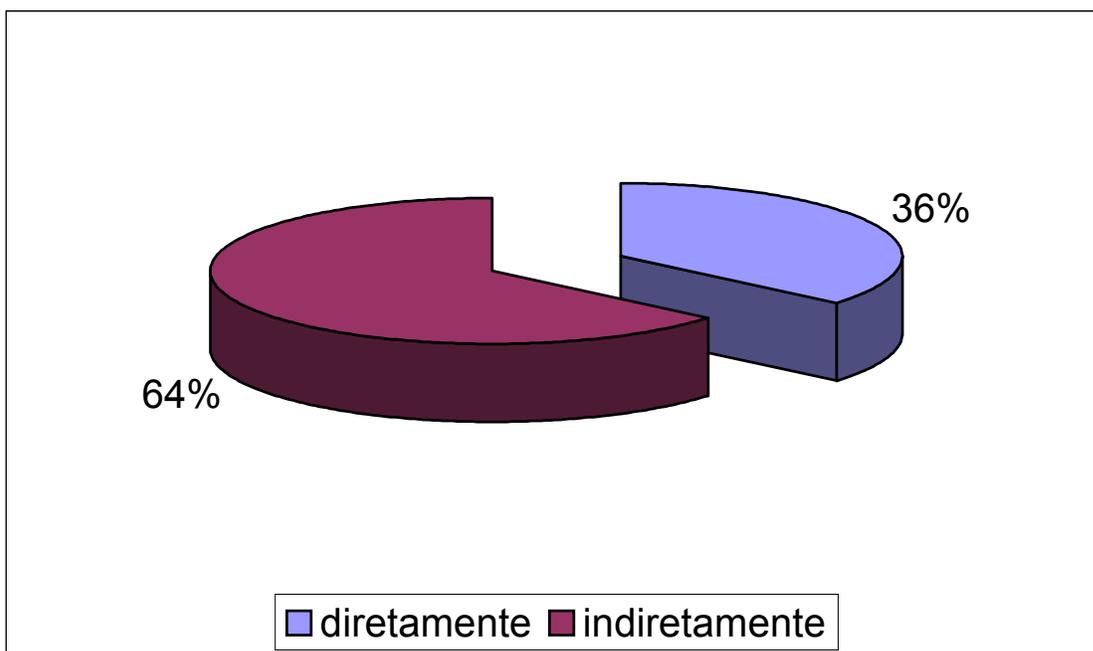


GRÁFICO 10 – IDENTIDADE

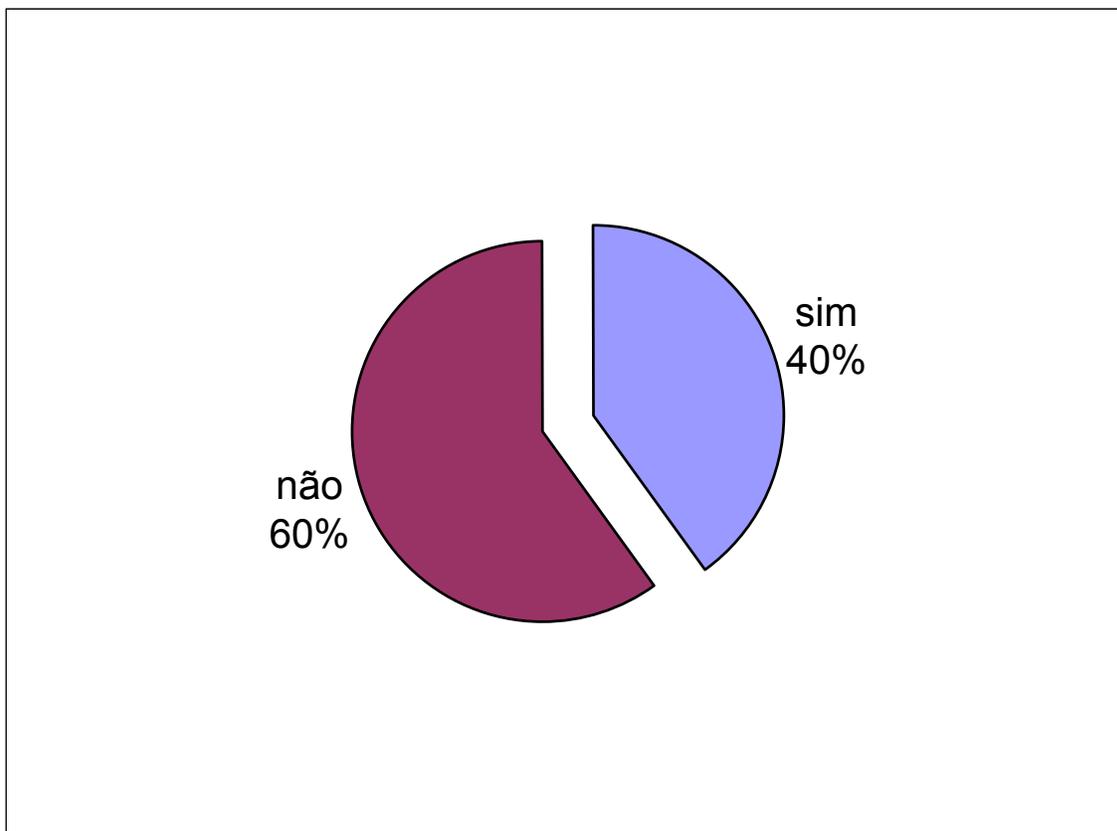


A segunda etapa da pesquisa, cujo enfoque gira em torno da relação cliente / usuário / arquiteto apresenta como resultado imediato a relação humana e a psicologia do desejo representantes de um percentual mínimo presentes nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, particular e comprovadamente avaliados.

Num primeiro momento foi questionada a existência de uma abordagem específica dentro da disciplina selecionada referente à relação humana interpessoal cliente / usuário / arquiteto.

Como se pode observar no gráfico 11, dentre as disciplinas questionadas, 40% delas chegam a abordar o assunto durante o curso.

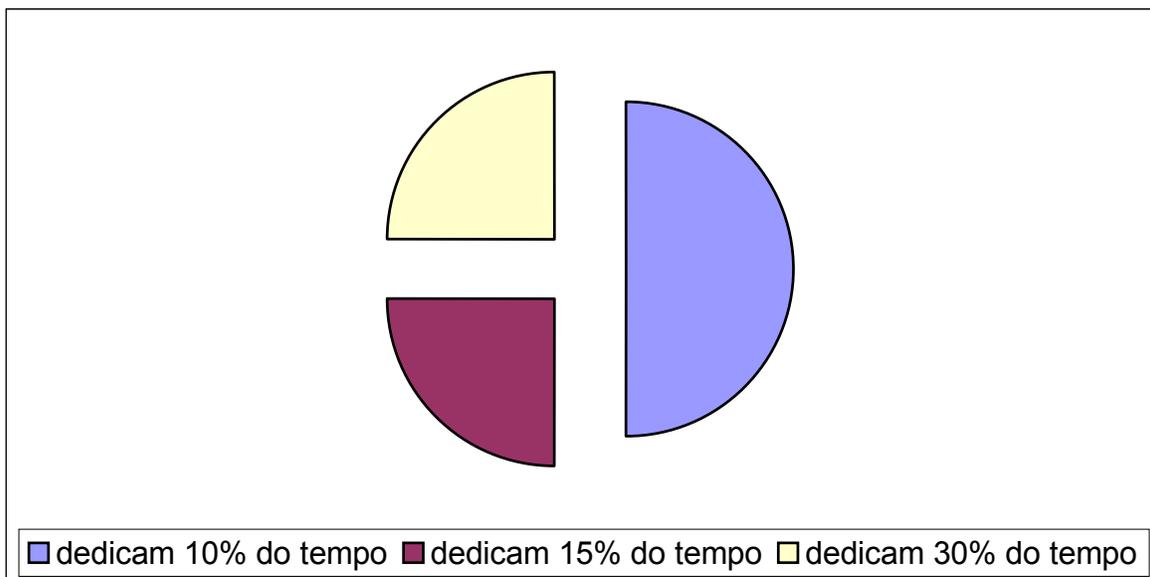
GRÁFICO 11 – RELAÇÃO HUMANA INTERPESSOAL CLIENTE / USUÁRIO / ARQUITETO



O gráfico 12 mostra que, dentre estes 40% que abordam o assunto:

- 50% afirmaram destinar menos que 10% de seu tempo disponível na carga horária para esta abordagem
- 25% afirmaram destinar aproximadamente 15% de seu tempo disponível na carga horária para esta abordagem
- 25% afirmaram destinar aproximadamente 30% de seu tempo disponível na carga horária para esta abordagem

GRÁFICO 12 – CONTEÚDO X TEMPO DISPONIBILIZADO



\*As disciplinas Relações Humanas I e II – selecionadas para aplicação do questionário – não tiveram o percentual do conteúdo abordado definido pelo professor responsável, pois segundo ele não seria possível sua quantificação. Porém, baseando-se na entrevista feita pessoalmente pela autora e pelos dados adicionais fornecidos pelo professor (grande parte de seu conteúdo tem um foco administrativo), as disciplinas foram enquadradas na faixa percentual entre 20% e 30%.

Diante deste resultado constata-se uma pequena parcela do tempo disponibilizado à visão psico-filosófica e social dentro de conteúdos presentes nas grades curriculares existentes, assim como nos projetos pedagógicos adotados.

Diante de comentários dos próprios professores torna-se possível afirmar inclusive a deficiência desta pequena parcela que aborda a relação humana, visto que mesmo aqueles que afirmaram em seus questionários trabalhar com o tema, complementaram sua resposta indicando a abordagem aos alunos por pinceladas durante as aulas.

Conclui-se, portanto que o assunto está sendo tratado indiretamente, visto que não há disciplina alguma que aborde este conteúdo especificamente como tema principal.

Outra questão elaborada para o questionário oferecido aos professores vem buscar respostas para a existência de uma abordagem na disciplina que se refira ao desejo do cliente, sua interpretação e modelagem, tendo a psicologia como suporte. (gráfico 13)

GRÁFICO 13 – DESEJO: INTERPRETAÇÃO E MODELAGEM



Como resultado apurou-se 100% de respostas negativas concluindo a inexistência total deste tipo de abordagem, em que se trabalha psicologicamente o cliente / usuário e seus desejos, para posterior interpretação e modelagem em forma arquitetônica.

Durante uma entrevista, a professora alertou sobre as abordagens feitas nas disciplinas de projeto em que se leva um cliente fictício ao aluno ou são feitas referências que buscam o relacionamento arquiteto / cliente. Porém, nesta pesquisa este fato não é

relevante, visto que o objetivo está exatamente na preparação do aluno anterior ao momento prático de projetar - disciplinas de projeto.

A importância da abordagem humana interpessoal e da psicologia interpretando / modelando o desejo do cliente / usuário está na investigação conceitual e poética. O objetivo de inserção desta visão psico-filosófica e social está no suporte teórico que o tema deve ter para concepção arquitetônica.

Uma professora entrevistada colocou também as indagações de seus alunos do último semestre sobre as relações interpessoais estabelecidas com o cliente após seu egresso – 10º período – demonstrando toda a insegurança de um aluno que está se inserindo no mercado de trabalho, provavelmente apto técnica e esteticamente, mas despreparado psicologicamente para lidar com os sonhos e desejos do outro.

Desta forma, o resultado alcançado com a pesquisa demonstra a não integração entre os aspectos psico-filosóficos que envolvem o ser humano cliente / usuário e a arquitetura no ensino de Arquitetura e Urbanismo, a não conscientização da dimensão humana existente na relação com o cliente e a inexistência no ensino curricular regular da interpretação do desejo e sua ligação direta com a concepção arquitetônica.

Baseando-se no referencial bibliográfico consultado em que se demonstra a importância do estudo da relação do usuário com o ambiente, pode-se concluir a ineficácia do ensino de Arquitetura e Urbanismo no que se refere à abordagem fenomenológica e seus desdobramentos.

A partir deste tipo de enfoque seria possível estar conectando as características subjetivas do espaço ao conhecimento objetivo, que visa solucionar problemas de ordem técnica e promover melhores condições de conforto ambiental.

Além disto é possível perceber pelo resultado da pesquisa o grande vazio existente na educação de arquitetos e urbanistas quando se enfoca a relação com o cliente. Fica claro a ausência de estudos na área e principalmente o conseqüente despreparo do recém formado quando envolve relação psicológica e social.

As análises sobre as emoções, desejos e necessidades psicológicas do usuário caminham paralela e metaforicamente à poesia que existe por trás do objeto arquitetônico. Sua importância reside principalmente na relação que o cliente / usuário estabelece com o espaço criado, partindo de sua experimentação e significação.

No entanto, apesar do envolvimento psicológico existente entre arquiteto / cliente e sua tremenda influência no resultado de nossa Arquitetura, a pesquisa demonstra o quanto isto não está sendo trabalhado junto aos estudantes.

## 5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A Arquitetura e o Urbanismo têm como objeto o espaço construído. Envolvendo diversos campos do conhecimento – desde as Ciências Exatas até as Artes Plásticas, passando pelas Ciências Humanas – a Arquitetura e o Urbanismo distinguem-se por seu caráter propositivo. Baseada em um complexo de dados tecnológicos, estéticos, sociais, culturais, econômicos e políticos, a proposição arquitetônica e urbanística é sempre uma resposta espacial a uma situação que se reconhece insatisfatória e que, por isso, deve ser modificada mediante um projeto ou um plano.

Um Curso de Arquitetura e Urbanismo deve desenvolver em seus alunos a autonomia intelectual, a capacidade crítica e a capacidade criativa, preparando-os para a grande tarefa que se coloca ao arquiteto e urbanista que age sobre o espaço: defender a cidade enquanto direito de cada um e de todos.

Considerando a pesquisa desenvolvida, faz emergir algumas questões a respeito do papel da universidade no cenário de transformações sociais e culturais que se apresenta em nosso país, e do papel dos cursos de Arquitetura e Urbanismo enquanto espaços destinados à educação de futuros arquitetos e urbanistas.

De acordo com a Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Arquitetura e Urbanismo:

“Os cursos de arquitetura e urbanismo, ao definirem suas propostas pedagógicas, devem assegurar a formação de profissionais generalistas, aptos a compreender traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidades, com relação à concepção, organização e construção do espaço

exterior e interior, abrangendo o urbanismo, a edificação, o paisagismo, bem como a conservação e a valorização do patrimônio construído, proteção do equilíbrio do ambiente natural e a utilização racional dos recursos disponíveis”. (Diretrizes Curriculares, art. 2º, parágrafo único)

Acentuando a questão abordada na pesquisa através do art.3º - já citado - das diretrizes curriculares de acordo com a garantia de uma relação estreita e concomitante entre teoria e prática tem-se :

“o conhecimento dos aspectos antropológicos, sociológicos e econômicos relevantes e de todo o espectro de necessidades, aspirações e expectativas individuais e coletivas quanto ao ambiente construído;” (Diretrizes Curriculares, art.3º)

Há muito tempo, e cada vez mais, constata-se o despreparo dos alunos para a vida prática profissional, o que é tão importante quanto saber projetar. Avaliações a parte, nos ensina o professor Fernando Burmeister:

“A produção da arquitetura e, por via de consequência, de nosso espaço habitado, nunca foi, não é, e jamais deverá ser uma atividade diletante. Deve ter caráter social e ser técnica e politicamente engajada, comprometida por inteiro com as necessidades e aspirações do povo, comprometimento que representa a base para a elaboração de qualquer proposta para o ensino de arquitetura.”

Mais do que nunca, hoje é impossível dissociar Arquitetura e Urbanismo de desejo de qualidade de vida, de planejamento de uma cidade gentil com seus habitantes. Quem planeja o espaço deve, necessariamente homenagear o cidadão procurando atender a todas as necessidades do ser humano.

É preciso sair da prancheta e alçar vôos amplos, vislumbrar um futuro melhor que nos acolha de verdade, presenteando-nos com qualidade de vida. Elaborando projetos de Arquitetura e Urbanismo é possível coordenar obras sustentáveis, criadas em bases e condições variáveis para transformá-las em arte repleta de sensibilidade através da capacidade criativa própria.

A atitude de mudança quer no espaço pedagógico mais usual, a sala de aula, quer na luta pela revisão de paradigmas, leva a reflexões mais profundas sobre a educação e conseqüente atuação de arquitetos e urbanistas na sociedade. No entanto, a realidade acadêmica paralelamente às deficiências encontradas, aponta para um universo mais amplo dentro das escolas de Arquitetura e Urbanismo.

Para realizar uma outra “escola”, é preciso requalificar muitos conceitos dentro dos campos de conhecimento da Arquitetura e do Urbanismo, superar o preconceito social e ideológico, investigar transdisciplinar e cientificamente a maioria dos problemas humanos que envolvem nosso campo de atuação e que continuam não sendo tratados como essenciais no ensino superior.

A psicologia e a filosofia ressaltam um fundamento a partir do qual seja possível pensar e produzir arquitetura com mais consciência e consistência, atuando como base teórica para concepção do projeto arquitetônico.

É importante que a cultura arquitetônica amplie sua reflexão para além de problemas pragmáticos imediatos, enriquecendo o pensamento do aluno, gerando novas idéias e novos olhares para a arquitetura hoje e evitando a formação de um arquiteto urbanista na figura de um técnico que elimina qualquer detalhe não previsto no rol dos seus procedimentos padronizados.

De acordo com Brandão (1998), todos os conteúdos definidos nas ementas das diversas disciplinas, como o estudo da história e teoria da arquitetura, o desenvolvimento de projetos, o aprendizado de estruturas, materiais, técnicas e procedimentos compositivos dos edifícios e das cidades somente se tornam significativos se atrás de cada momento dedicado à profissão, não se deixar esquecer a razão e o sentido humano que levaram a arquitetura a existir.

O aprendizado desse sentido humano e ético – que não toma a arquitetura como um fim em si mesma, como construção apenas da beleza e do vício – não tem sido promovido pelos arquitetos nem pelas escolas de arquitetura.

De acordo com a pesquisa desenvolvida neste trabalho e tomando como base a abordagem fenomenológica no intuito de resgatar a dimensão humana da arquitetura, tem-se como resultado um enfoque indireto do assunto pelas escolas de Arquitetura e conseqüentemente uma lacuna no ensino, pois conhecimentos sobre este tema contribuem para uma melhoria da qualidade do objeto arquitetônico.

Também de acordo com a pesquisa foram referenciadas características fundamentais no processo do habitar – estabelecimento de um interior/exterior, estabelecimento de visibilidade, apropriação – inscritos em quatro conceitos – territorialidade, privacidade, identidade e ambiência.

Partindo de questionamentos junto aos professores sobre este conteúdo no currículo do curso, constatou-se a existência desta abordagem em algumas disciplinas, valendo ressaltar a forma indireta e ou eventual na utilização deste conteúdo.

Concluindo portanto o foco da pesquisa, observou-se a partir de seu resultado a ausência no ensino de Arquitetura e Urbanismo de uma abordagem psico-filosófica e social que enfoca especificamente a relação humana interpessoal cliente / usuário / arquiteto e a interpretação do desejo com base na psicologia.

Se 100% dos professores responderam “não” para a pergunta que questiona a abordagem psicológica do cliente e a interpretação de seu desejo para posterior modelagem, é possível perceber na formação dos arquitetos-urbanistas um domínio basicamente técnico / estético e conseqüentemente gerador de dificuldades no mercado de trabalho, visto que o cliente busca na Arquitetura muito mais o sentido humano que tecnológico, em que a interpretação de seus sonhos e transformação em realidade é fundamental.

Confirmando o resultado obtido nas entrevistas, de acordo com o arquiteto e professor Antônio Carlos Grillo:

“Infelizmente, falta em nossa formação profissional um mínimo de conhecimento de psicologia, fundamental para a compreensão do comportamento humano e para uma relação mais esclarecedora e profícua com o cliente” (p.53, 2001)

Brandão (1998) coloca como fundamental para o ensino de Arquitetura e Urbanismo, mais que conhecimentos técnicos e estéticos, mas principalmente um embasamento histórico, uma perspectiva temporal e humanística que as escolas de arquitetura brasileiras, vinculadas à tradição das academias de belas-artes ou dos institutos de ciências exatas, não costumam oferecer.

Apesar de existirem dúvidas quanto à abordagem do conteúdo psico-filosófico e social durante o curso de Arquitetura e Urbanismo, na proposição da autora e baseado na

pesquisa desenvolvida, este enfoque é de fundamental importância na formação do arquiteto urbanista com valores humanos e éticos bem desenvolvidos e responsáveis por sua atuação no mercado de trabalho.

A contemporaneidade arquitetônica tem-se limitado ao desenho e abdicado do objetivo de transformar o mundo. É a partir dos novos profissionais recém egressos das Escolas de Arquitetura que deveria se tornar possível realizar a busca de espaços adequados às necessidades físicas e simbólicas do cliente / usuário.

Enfim, potencializar psicologia e filosofia como suporte teórico para concepção do projeto arquitetônico significa projetar mais que o espaço, mas o tempo e os sonhos do habitante. Significa dar possibilidades de mudanças na escola, democratizando a arquitetura e preparando os alunos para o futuro.

Isto posto, cabe afirmar que o presente trabalho não pretende esgotar o assunto e nem poderia, apenas o introduz, lançando idéias a serem desenvolvidas em trabalhos futuros.

## **5.1 Sugestões para futuras pesquisas**

A inserção de uma visão psico-filosófica e social como suporte teórico no ensino de Arquitetura e Urbanismo não deve representar apenas um ideal utópico para as Escolas de Arquitetura e Urbanismo.

Há necessidade de se aprofundar no tema abordado e descobrir caminhos para que nossa Arquitetura reconheça nos clientes / usuários a terceira e principal instância presente na concepção do projeto arquitetônico, juntamente ao autor e à obra.

Abrindo caminhos através desta pesquisa pela amostragem feita nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais, torna-se importante também sua extensão por todo o país, de forma que se possa levar as informações obtidas e resultados encontrados como base para novas descobertas.

Enfim, estudar a interpretação do desejo e suas condicionantes, assim como o desenvolvimento de métodos para interação entre cliente / usuário / arquiteto e propostas pedagógicas para que aconteça a inserção da psicologia e filosofia nos currículos das escolas, são temas relevantes para trabalhos futuros a serem concretizados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE ARQUITETURA – “Caderno da ABEA”, número 01, 1991.

ALMEIDA, Maristela Moraes de – “Análise das Interações entre o Homem e o Ambiente – estudo de caso em agencia bancária”, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, dissertação de mestrado, 1995.

ALVES, Rubem – “A Alegria de Ensinar”, São Paulo, Arts Poética, 1994.

BASTOS, Rodrigo Almeida – “A Alma e o Silêncio: o conceito de decoro em Alberti e Louis Kahn”, Caderno de textos: Interpretar Arquitetura, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, volume 02, número 02, junho / 2001. Disponível em: [www.arq.ufmg.br/ia](http://www.arq.ufmg.br/ia). Acesso em: 20 / 03 / 2002.

BAUDRILLARD, J. – “O Sistema dos Objetos”, São Paulo, Gallimard, 1983.

BERGSON, Henry – “Bergson: A consciência e a vida”. Disponível em: [www.geocities.com/bernardorieux/bergson.htm](http://www.geocities.com/bernardorieux/bergson.htm). Acesso em: 25 / 06 / 2002.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite – “A Arquitetura e seu Combate”, Caderno de textos: Interpretar Arquitetura, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, volume

02, número 03, dezembro / 2001. Disponível em: [www.arq.ufmg.br/ia](http://www.arq.ufmg.br/ia). Acesso em: 20 / 03 / 2002.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite – “Hermeneutica e verdade na obra de arquitetura”, Caderno de textos: Interpretar Arquitetura, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, volume 02, número 03, dezembro / 2001. Disponível em: [www.arq.ufmg.br/ia](http://www.arq.ufmg.br/ia). Acesso em: 20 / 03 / 2002.

BORNHEIM, Gerd e outros – “Desejos”, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CARSALADE, Flávio de Lemos – “Arquitetura: Interfaces”, Belo Horizonte, AP Cultural, 2001.

CARSALADE, Flávio de Lemos – “O Ensino de Projeto em Arquitetura: uma visão construtivista”, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, dissertação de mestrado, 1997.

CHAUÍ, Marilena e outros – “Desejos”, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CHAUÍ, Marilena – “Convite à Filosofia”, São Paulo, Ática, 1995.

CRICHYNO, Jorge – “A Universidade e Ensino de Arquitetura e Urbanismo UFF”, Cadernos ABEA, número 10, Rio de Janeiro, ABEA, 1992.

DIRETRIZES CURRICULARES GERAIS, Portaria n 1770 – MEC, de 21 de Dezembro de 1994.

ECO, Humberto – “Como se faz uma tese”, São Paulo, Editora Perspectiva, 1985.

FREIRE, Paulo – “Educação como Prática da Liberdade”, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo – “Pedagogia do Oprimido”, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.

GROPIUS, Walter – “Bauhaus Nova arquitetura”, São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.

HEIDEGGER, M. – “Ser e Tempo – O Pensamento Humano”, Parte I, Quarta edição, Editora Vozes, 1986.

HERTZBERGER, Herman – “Lições de Arquitetura”, 2ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1999. ( *titulo original: Lessons for Students in Architecture, Amsterdã, 1991*)

KAPP, Silke – “Filosofia: Vedete da Arquitetura”, Cadernos de textos: Interpretar Arquitetura”, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, número 02, volume 02, junho / 2001. Disponível em: [www.arq.ufmg.br/ia](http://www.arq.ufmg.br/ia). Acesso em: 20 / 03 / 2002.

KEHL, Maria Rita e outros – “Desejos”, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

KOROSEC-SERFATY, Perla – “Experience and use of the dwelling” In I. Altman and C. M. Werner (Eds), Home Environments, New York: Plenum Press, p. 65 / 83

LANGER, Susanne K. – “Sentimento e Forma”, Sao Paulo, Editora Perspectiva, 1980.

LEVY, Nelson e outros – “Desejos”, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

LOUREIRO, Cláudia, AMORIM, Luiz – “Avaliando Práticas Pedagógicas no Ensino de Arquitetura”, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Caderno 21 artigo para IX CONABEA – CONGRESSO NACIONAL DA ABEA / XVI ENSEA – ENCONTRO NACIONAL SOBRE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO, 1999.

MALARD, Maria Lúcia – “Brazilian low-cost housing: interactions and conflicts between residents and dwellings”, Sheffield: University of Sheffield, Ph D. Thesis, 1992.

MAY, Rollo – “O Homem a Procura de Si Mesmo”, Editora Vozes, 1980.

MEIRA, Maria Elisa – “A ética é uma ótica”, Londrina, Caderno 21 artigo para IX CONABEA – CONGRESSO NACIONAL DA ABEA / XVI ENSEA – ENCONTRO NACIONAL SOBRE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO, 1999.

MERLIN, José Roberto – “Ética & Cia formatando a forma”, Campinas: Universidade Católica de Campinas, Caderno 21 artigo para IX CONABEA – CONGRESSO

NACIONAL DA ABEA / XVI ENSEA – ENCONTRO NACIONAL SOBRE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. – “O visível e o invisível”, São Paulo, Editora Perspectiva, 1992.

MERLEAU-PONTY, M. – “A Estrutura do Comportamentos”, Belo Horizonte, Editora Interlivres, 1975.

MERLEAU-PONTY, M. – “Phenomenology of Perception”, Nova York, Humanities Press, 1962.

MEZAN, Renato e outros – “Desejos”, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

NORBERG-SHULZ, C. – “Existencia, espacio y arquitectura”, Barcelona, Tuset, 1971.

NOVAES, Adauto e outros – “Desejos”, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

OSTROWER, Fayga – “Criatividade e Processos de Criação”, Rio de Janeiro, Imago, 1977.

OSTROWER, Fayga – “Universos da Arte”, Rio de Janeiro, Campus, 1983.

PESSANHA, José Américo Motta e outros – “Desejos”, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

RESCHILIAN, Paulo Romano – “Uma forma alternativa de capacitação docente”, Taubaté: UNITAU – Departamento de Arquitetura, Caderno 21 artigo para IX CONABEA – CONGRESSO NACIONAL DA ABEA / XVI ENSEA – ENCONTRO NACIONAL SOBRE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO, 1999.

RESCHILIAN, Paulo Romano – “Universidade e Sociedade: a rua é a saída”, Taubaté: UNITAU – Departamento de Arquitetura, Caderno 21 artigo para IX CONABEA – CONGRESSO NACIONAL DA ABEA / XVI ENSEA – ENCONTRO NACIONAL SOBRE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO, 1999.

SANTOS, M. – “Pensando o Espaço do Homem”, São Paulo, Hucitec, 1986.

VELLOSO, Rita de Cássia Lucena – “Apropriação”, Caderno de Textos: Interpretar Arquitetura, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, número 01, novembro / 2000. Disponível em: [www.arq.ufmg.br/ia](http://www.arq.ufmg.br/ia). Acesso em: 20 / 03 / 2002.

**LISTA DE ANEXOS – ver CD**

**ANEXO 01-** Propostas de Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Arquitetura e Urbanismo

**ANEXO 02-** Questionário utilizado para pesquisa de campo

**ANEXO 03-** Ementas do curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas Metodistas Izabela Hendrix

**ANEXO 04-** Ementas do curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades de Engenharia e Arquitetura da FUMEC

**ANEXO 05-** Ementas do curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

**ANEXO 06-** Ementas do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora

**ANEXO 07-** Ementas do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais

**ANEXO 08-** Ementas do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia

**ANEXO 09-** Ementas do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa